

sensível escolheria um local para reserva de 8 mil índios em que a água mal seja tolerável, onde o solo seja ruim e frio e onde as raízes de musquite (mesquite), a 20 km de distância, sejam a única madeira que os índios podem usar?... Se eles permanecerem nesta reserva, precisarão sempre ser mantidos ali pela força, não por sua vontade. Sim! deixem-nos voltar ou levem-nos aonde possam ter uma boa água fria para beber, bastante madeira para evitar que morram de frio e onde o solo produza algo que eles possam comer....

Durante dois anos, um fluxo constante de investigadores e funcionários de Washington desfilaram pela reserva. Alguns estavam verdadeiramente penalizados; outros, interessados principalmente em reduzir as despesas.

"Ficamos ali alguns anos", lembrou Manuelito. "Muitos de nosso povo morreram devido ao clima... Gente de Washington fez um conselho conosco. Ele explicou como os brancos puniam os que desobedeciam a lei.

Prometemos obedecer as leis se tivéssemos permissão de voltar ao nosso território. Prometemos cumprir o tratado... Prometemos quatro vezes fazer isso. Todos dissemos "sim" ao tratado, e ele nos deu bom conselho. Ele era o general Sherman.. Quando os líderes navajos viram pela primeira vez o Grande Guerreiro Sherman, ficaram com medo dele, pois seu rosto era igual ao do Chefe Estrelado Carleton - orgulhoso, barbudo, com uma boca cruel - mas seus olhos eram diferentes, olhos de um homem que sofrera e sabia o que era a dor nos outros.

"Dissemos que tentaríamos lembrar o que ele falara", lembrou Manuelito. "Ele dissera: - "Quero que todos vocês olhem para mim".

Levantou-se para que nós o víssemos. Ele disse que se nós agíssemos direito poderíamos olhar as pessoas de frente. Então, ele disse: "Meus filhos, mandarei vocês de volta as suas casas".

Antes de poderem partir, os chefes tiveram de assinar o novo tratado (1º de junho de 1868), que começava assim: "A partir deste dia, deve cessar, para sempre, toda guerra entre as partes deste acordo". Barboncito assinou primeiro, depois Armijo, Delgadito, Manuelito, Herrero Grande e sete outros.

"As noites e os dias ficaram compridos antes que chegasse a hora de irmos para nossos lares", disse Manuelito. "Um dia antes da partida, andamos um pouco na direção de casa, porque estávamos muito ansiosos para partir. Voltamos e os americanos deram-nos algum gado e agradecemos-lhes isso. Dissemos aos condutores para chicotearem as mulas, estávamos com muita pressa. Quando vimos o cimo da montanha de Albuquerque, imaginamos que fosse nossa montanha, sentimo-nos como que conversando com o chão, tanto gostávamos dele, e alguns dos velhos e das mulheres gritavam de alegria quando atingiram seus lares..

E assim, os navajos voltaram para casa. Quando as novas fronteiras da reserva foram demarcadas, muitos dos seus melhores pastos haviam sido tomados pelos colonos brancos. A vida não seria fácil. Teriam de lutar para resistir. Apesar de tudo, os navajos chegariam a saber que eram os menos infelizes dos índios do Oeste. Para os outros, mal começara a provação.

# Capítulo 03

## A Guerra Chega Para os Cheyennes

*Embora me tenham feito mal, tenho esperanças. Não fiquei com dois corações... Agora estamos juntos outra vez Para fazer a paz. Minha vergonha tão grande quanto a terra, embora eu vá fazer o que meus amigos aconselham. Antes eu pensava que era o único homem que insistia em ser amigo do branco, mas desde que eles vieram e acabaram com nossas tendas, cavalos e tudo o mais, é difícil para mim acreditar ainda nos brancos.*

- MOTAVATO (Chaleira Preta), dos cheyennes do sul

EM 1851, OS CHEYENNES, arapahos, sioux, crows e outras tribos encontraram-se em Fort Laramie com representantes dos Estados Unidos e concordaram em permitir que os americanos estabelecessem postos militares e estradas através de seu território. Ambas as partes do tratado prometeram solenemente manter boa fé e amizade em todas as suas relações mútuas, e construir uma paz efetiva e duradoura. No fim da primeira década após a assinatura do tratado, os brancos haviam aberto um túnel através do território índio, ao longo do vale do Rio Platte. Primeiro, vieram os carroções em comboios e depois uma cadeia de fortes; após, as diligências e uma cadeia mais cerrada de fortes; mais tarde, os mensageiros a cavalo, seguidos pelos fios falantes do telégrafo.

No tratado de 1851, os índios das Planícies não haviam cedido qualquer direito ou posse em relação as suas terras, nem "concederam o privilégio de caçar, pescar ou passar em qualquer dos segmentos do território aqui descrito". A corrida de ouro de Pike's Peak em 1858 trouxe mineiros brancos aos milhares, para cavar o metal amarelo na terra dos índios. Os mineiros construíram pequenas aldeias de madeira em toda parte e, em 1859, construíram uma grande aldeia que chamaram Denver City. Corvo Pequeno, um chefe arapaho que se divertia com as atividades do homem branco, visitou Denver; aprendeu a fumar charutos e a comer carne com faca e garfo. Também disse aos mineiros que gostava de vê-los pegar ouro, mas lembrou-lhes que a terra pertencia aos índios e expressou a esperança de que eles não iriam ficar ali depois de pegar todo o metal amarelo que queriam. Os mineiros não só ficaram, como outros milhares deles chegaram. O vale do Platte, que outrora fora cheio de búfalos, começou a se encher de colonos construindo ranchos e delimitando território destinado pelo tratado de Laramie aos cheyennes do sul e arapahos. Só dez anos depois da assinatura do tratado, o Grande Conselho em Washington criou o território de Colorado; o Pai Grande enviou um governador e os políticos começaram a manobrar para conseguir uma cessão de terra dos índios. Apesar de tudo isso, os cheyennes e arapahos mantiveram paz e, quando os funcionários dos Estados Unidos convidaram seus líderes para uma reunião em Fort Wise, no Rio Arkansas, para discutir um novo tratado, vários chefes compareceram. Segundo declarações posteriores de chefes de ambas as tribos, o que lhes haviam

dito que estaria no tratado e o que realmente estava era muito diferente. Os chefes julgavam que os cheyennes e arapahos conservariam seus direitos territoriais e liberdade de movimentos para caçar búfalos, mas eles teriam, segundo o tratado, de concordar em viver numa área triangular do território limitado por Sand Creek e o Rio Arkansas. A liberdade de movimentos era uma questão particularmente vital, pois a reserva destinada as duas tribos quase não tinha caça e era inadequada a agricultura, a menos que fosse irrigada.

A assinatura do tratado em Fort Wise foi uma ocasião de gala.

Devido a sua importância, o coronel A. B. Greenwood, comissário de Assuntos Índios, chegou a comparecer, fornecendo medalhas, cobertores, açúcar e fumo. O Pequeno Homem Branco (William Bent), que se casara na tribo cheyenne, ali estava para cuidar dos interesses índios. Quando os cheyennes assinalaram que só seis dos seus 44 chefes estavam presentes, os funcionários dos Estados Unidos responderam que os outros podiam assinar depois. Nenhum dos outros jamais fez isso e, por essa razão, a legalidade do tratado permaneceu duvidosa. Chaleira Preta, Antílope Branco e Urso Magro foram alguns dos signatários pelos cheyennes. Corvo Pequeno, Tempestade e Boca Grande assinaram pelos arapahos. As testemunhas das assinaturas foram dois oficiais da Cavalaria dos Estados Unidos, John Sedgwick e J. E. B. Stuart. (Poucos meses depois, Sedgwick e Stuart, que recomendaram propósitos pacíficos aos índios, estavam lutando em lados opostos na Guerra Civil e, por uma das ironias do destino, ou da história, morreram com poucas horas de diferença nas batalhas de Wilderness).

Durante os primeiros anos da Guerra Civil do branco, os cheyennes e arapahos, em suas expedições de caça, perceberam que, cada vez mais, era difícil não encontrarem soldados Casacos Azuis que estavam patrulhando na direção sul, em busca de Casacos Cinzentos. Souberam dos problemas dos navajos e, de amigos entre os Sioux, ouviram o triste destino dos santees que ousaram desafiar o poder dos soldados em Minnesota. Os chefes cheyennes e arapahos tentaram manter seus jovens ocupados na caça ao búfalo, longe das rotas de viagem dos brancos. Porém, a cada verão, o número e a arrogância dos Casacos Azuis crescia. Na primavera de 1864, os soldados estavam perambulando por distantes regiões de caça, entre os rios Smoky Hill e Republican.

Quando a grama estava alta, neste ano, Nariz Romano e um bom número de cheyennes dog soldiers foram para o norte em busca de caça melhor no território do Rio Powder, onde estavam seus primos, os cheyennes do norte. Chaleira Preta, Antílope Branco e Urso Magro mantiveram seus grupos para baixo do Platte, bem como Corvo Pequeno, dos arapahos.

Tomavam cuidado em evitar soldados e caçadores brancos de búfalo, ficando longe dos fortes, trilhas e acampamentos.

Chaleira Preta e Urso Magro foram a Fort Larned (Kansas) para comerciar, nessa primavera. Ainda no ano anterior, os dois chefes haviam sido convidados para uma visita ao Pai Grande, Abraham Lincoln, em Washington; estavam certos de que os soldados do Pai Grande, em Fort Larned, iriam tratá-los bem. O presidente Lincoln dera-lhes medalhas para usar no peito e o coronel Greenwood presenteou a Chaleira

Preta uma bandeira dos Estados Unidos, uma enorme bandeira de guarnição, com as estrelas brancas dos 34 estados, maiores que as estrelas que brilhavam no céu, numa noite clara. O coronel Greenwood disse-lhes que enquanto essa bandeira flamulasse sobre eles, nenhum soldado jamais dispararia contra eles. Chaleira Preta tinha muito orgulho de sua bandeira e, quando em acampamento permanente, sempre a içava num mastro sobre sua tenda.

Em meados de maio, Chaleira Preta e Urso Magro souberam que os soldados haviam atacado alguns cheyennes no Rio South Platte. Decidiram levantar acampamento e partir para o norte, a fim de encontrarem o resto da tribo por razões de força e proteção. Depois de um dia de marcha, foram ao acampamento perto de Ash Creek. Na manhã seguinte, como de costume, os caçadores saíram para caçar, mas logo voltaram correndo. Viram soldados com canhões, aproximando-se do acampamento. Urso Magro gostava de excitação e disse a Chaleira Preta que iria encontrar os soldados e ver o que eles queriam. Ostentava a medalha do Pai Grande Lincoln na parte externa do casaco e levava alguns papéis que lhe haviam sido dados em Washington, certificando que ele era um bom amigo dos Estados Unidos; partiu a cavalo com uma escolta de guerreiros. Urso Magro subiu numa colina perto do acampamento e viu os soldados aproximando-se, em quatro grupos de cavalaria. Tinham dois canhões no centro e vários carroções seguiam na retaguarda.

Chefe Lobo, um dos jovens guerreiros que escoltavam Urso Magro, disse depois que assim que os cheyennes foram vistos pelos soldados, estes formaram em linha. "Urso Magro disse a nós, os guerreiros, que ficássemos onde estávamos para não assustarmos os soldados, enquanto ele cavalgava em frente para apertar a mão do oficial e mostrar seus papéis... Quando o chefe estava a apenas dois ou três metros da fileira, o oficial gritou numa voz bem alta e todos os soldados abriram fogo sobre Urso Magro e os outros de nós. Urso Magro caiu de seu cavalo bem em frente dos soldados, acontecendo o mesmo a Estrela, outro cheyenne. Os soldados cavalgaram para diante e atiraram contra Urso Magro e Estrela outra vez, quando eles jaziam, indefesos, no chão. Eu estava a meia-distância, com um grupo de jovens, a um lado. Havia uma companhia de soldados a nossa frente, mas todos estavam atirando em Urso Magro e nos outros cheyennes que estavam perto dele. Não prestaram atenção em nós até começarmos a atirar com arcos e armas de fogo. Estavam tão próximos que acertamos vários deles com flechas. Dois deles caíram de seus cavalos. Nesse momento, havia muita confusão. Mais cheyennes começaram a chegar, em pequenos grupos, e os soldados se agruparam, parecendo bastante atemorizados. Atiravam em nós com o canhão. A metralha varria o chão a nossa volta, mas a pontaria era ruim.

No meio da luta, Chaleira Preta apareceu em seu cavalo e começou a passar de um lado para outro, entre os guerreiros. "Parem de lutar!", ele gritou. "Não façam guerra!". Passou bastante tempo antes que os cheyennes o ouvissem. "Estávamos enfurecidos", disse Chefe Lobo, mas afinal ele parou a luta. Os soldados fugiram. Capturamos quinze cavalos da cavalaria, com selas, freios e mochilas. Vários soldados haviam morrido; Urso Magro, Estrela e outro cheyenne estavam mortos e havia muitos feridos.

Os cheyennes estavam certos de que poderiam ter morto todos os soldados e capturado seus morteiros de montanha, pois 500 guerreiros cheyennes estavam no acampamento e os soldados eram só 100. Mas aconteceu que muitos dos jovens, furiosos com a morte a sangue frio de Urso Magro, perseguiram os soldados em retirada numa luta na corrida, até Fort Larned.

Chaleira Preta estava espantado com esse ataque repentino. Sentia muito por Urso Magro; haviam sido amigos por quase meio século. Ele se lembrava como a curiosidade de Urso Magro sempre lhe causava problemas.

Algum tempo antes, quando os cheyennes haviam feito uma visita amistosa a Fort Atkinson no Rio Arkansas, Urso Magro viu um anel brilhante e reluzente usado pela mulher de um oficial. Impulsivamente, ele pegou a mão da mulher para ver o anel. O marido adiantou-se e chicoteou Urso Magro.

Este virou-se, pulou em seu cavalo e voltou ao acampamento cheyenne.

Pintou o rosto e cavalgou pelo acampamento, instando os guerreiros a segui-lo e atacar o forte. Um chefe cheyenne fora insultado, gritava. Chaleira Preta e os outros chefes tiveram muita dificuldade para acalmá-lo nesse dia.

Agora, Urso Magro estava morto e sua morte incitava os guerreiros a ter mais ódio que quando do incidente em Fort Atkinson.

Chaleira Preta não podia compreender por que os soldados haviam atacado um acampamento cheyenne pacífico sem aviso. Ele supôs que se alguém pudesse saber, seria seu velho amigo, o Pequeno Homem Branco, William Bent. Mais de trinta anos haviam passado desde que o Pequeno Homem Branco e seus irmãos haviam chegado ao Rio Arkansas, onde construíram Bent's Fort. William se casara com Mulher Coruja e, depois de sua morte, casou-se com sua irmã, Mulher Amarela. Em todos esses anos, os Bent's e os cheyennes haviam vivido em estreita amizade. O Pequeno Homem Branco tinha três filhos e duas filhas, que viviam boa parte do tempo com o povo de sua mãe. Nesse verão, dois dos irmãos mestiços, George e Charlie, estavam caçando búfalos com os cheyennes no Rio Smoky Hill.

Depois de pensar um pouco no assunto, Chaleira Preta mandou um mensageiro num cavalo rápido encontrar o Pequeno Homem Branco.

"Diga-lhe que tivemos um combate com os soldados e matamos vários deles", disse Chaleira Preta. "Diga-lhe que não sabemos por que ou para que foi o combate, e que gostaríamos de vê-lo e falar com ele sobre isso".

Por sorte, o mensageiro de Chaleira Preta encontrou William Bent no caminho entre Fort Larned e Fort Lyon. Bent mandou o mensageiro voltar, com instruções para Chaleira Preta encontrá-lo no riacho Coon. Uma semana depois, os velhos amigos se encontraram, ambos intranquilos com o futuro dos cheyennes, Bent especialmente preocupado por seus filhos. Ficou aliviado ao saber que estavam caçando no Smoky Hill. Dali, não havia notícia de incidentes, mas ele sabia de dois combates que haviam acontecido em outro lugar. Em Fremont's Orchard, ao norte de Denver, um bando de dog soldiers fora atacado por uma patrulha dos Voluntários do Colorado, do coronel John M. Chivington, que estava procurando cavalos roubados. Os dog soldiers estavam pegando um cavalo e uma mula que julgavam extraviados, mas os soldados de Chivington abriram fogo antes de dar aos cheyennes uma oportunidade

de explicar onde haviam conseguido os animais. Depois dessa luta, Chivington enviou uma força maior, que atacou um acampamento de cheyennes perto de Cedar Bluffs, matando duas mulheres e duas crianças. Os soldados da artilharia, que haviam atacado o acampamento de Chaleira Preta em 16 de maio, também eram homens de Chivington, enviados de Denver, sem autoridade para operar em Kansas. O oficial em comando, o tenente George S. Eayre, estava sob as ordens do coronel Chivington, para "matar cheyennes quando e onde os encontrasse".

Se tais incidentes continuassem, concordaram William Bent e Chaleira Preta, deveria irromper uma guerra geral por todas as planícies.

"Não é minha intenção ou vontade lutar com os brancos", disse Chaleira Preta.

"Quero ser amistoso e pacífico e manter assim minha tribo. Não poderei lutar com os brancos. Quero viver em paz".

Bent disse a Chaleira Preta para evitar que seus jovens fizessem ataques de vingança e prometeu que voltaria ao Colorado e tentaria convencer as autoridades militares a não continuar na trilha perigosa que estavam tomando. Partiu, então, para Fort Lyon. "Ao chegar ali", testemunhou mais tarde, sob juramento, "encontrei o coronel Chivington, relatei-lhe a conversa que ocorrera entre mim e os índios e que os chefes desejavam amizade. Em resposta, ele disse que não estava autorizado a fazer a paz e que, então, estava no caminho da guerra - acho que foram as palavras que usou. Então, afirmei-lhe que havia grandes riscos em travar a guerra; que havia muitas caravanas do governo viajando para o Novo México e outros pontos; além de muitos cidadãos cuja viagem eu não achava que haveria força suficiente para proteger e que cidadãos e colonos do local iriam sofrer. Ele disse que os cidadãos teriam de se proteger por si. Então, não falei nada mais".

No fim de junho, o governador do Território do Colorado, John Evans, publicou uma circular dirigida aos "amigos índios das planície" informando-lhes que alguns membros de suas tribos haviam declarado guerra aos brancos. O governador Evans declarava que "em algumas ocasiões, haviam atacado e matado soldados". Não fez nenhuma menção de soldados atacando índios, embora todas as três lutas com os cheyennes houvessem começado assim. "Por isso, o Pai Grande está zangado --, prosseguia, "e certamente irá persegui-los e puni-los, mas não quer ferir os que ficarem amigos dos brancos; deseja protegê-los e cuidar deles. Por esse motivo, aconselho que todos os índios amigos fiquem longe dos que estão em guerra e vão a lugar seguro". Evans ordenou que cheyennes e arapahos amistosos se dirigissem a Fort Lyon, em sua reserva, onde seu agente, Samuel G. Colley, iria fornecer-lhes provisões e mostrar-lhes um lugar seguro. "O objetivo disso é impedir índios amigos de serem mortos por engano... A guerra aos índios hostis continuará até que todos estejam realmente dominados.

Assim que William Bent soube do decreto do governador Evans, começou imediatamente a avisar cheyennes e arapahos, para que fossem a Fort Lyon. Como os vários grupos estavam espalhados pelo Kansas ocidental, para a caça de verão, passaram-se várias semanas antes que os mensageiros pudessem alcançar todos. Durante esse período, aumentaram constantemente os choques entre soldados e índios. Guerreiros sioux, em pé de guerra com as expedições punitivas do general

Alfred Sully, em 1863 e 1864, no Dakota, vinham em grande quantidade do norte, para atacar comboios de carroções, estações de diligências e colonos ao longo da estrada do Platte. Por essas ações, grande parte da culpa foi atribuída aos cheyennes do sul e aos arapahos, bem como a maior parte da atenção dos soldados do Colorado foi para eles atraída. O filho mestiço de William Bent, George, que estava com um grupo grande de cheyennes no Rio Solomon, em julho, disse que foram atacados várias vezes pelos soldados sem qualquer motivo, até que começaram a revidar da única forma que sabiam - queimando postos de diligências, perseguindo os carroções, dispersando o gado e forçando os comerciantes a fazerem círculos com seus comboios e lutar.

Chaleira Preta e os chefes mais velhos tentaram parar esses ataques, mas sua influência enfraquecera com o prestígio de líderes mais velhos como Nariz Romano e os membros do Hotamitanio, ou Sociedade do Dog Soldier. Quando Chaleira Preta descobriu que sete prisioneiros brancos duas mulheres e cinco crianças - haviam sido trazidos aos acampamentos de Smoky Hill pelos guerreiros, resgatou quatro deles dos captores, com seus próprios cavalos, devolvendo-os a seus parentes. Por esse tempo, finalmente, recebeu uma mensagem de William Bent informando-o da ordem do governador Evans para apresentação em Fort Lyon.

Era, então, fim de agosto. Evans fizera uma segunda proclamação, "autorizando todos os cidadãos do Colorado individualmente ou em grupos, a organizar-se e perseguir todos os índio hostis das planícies, evitando escrupulosamente aqueles que responderam a meu chamado de concentração nos pontos indicados; também autorizando a matar e destruir como inimigos do país, onde quer que se encontrem, todos esses índios hostis." A perseguição já era para todos os índios não confinados a uma das reservas fixadas.

Chaleira Preta imediatamente convocou um conselho e todos os chefes do acampamento concordaram em aceitar as propostas de paz do governador. George Bent, que fora educado no Webster College de St. Louis, teve a missão de escrever uma carta ao agente Samuel Colley, em Fort Lyon, informando-o que eles queriam a paz. "Ouvimos dizer que vocês têm alguns prisioneiros em Denver. Temos sete prisioneiros que estamos dispostos a resgatar, desde que libertem os seus...

Queremos notícias verdadeiras da sua parte, na resposta".

Chaleira Preta esperava que Colley lhes desse instruções sobre como levar seus cheyennes através do Colorado sem serem atacados por soldados ou grupos errantes dos cidadãos armados do governador Evans. Ele não confiava inteiramente em Colley; suspeitava que o agente vendia parte do estoque de bens índios para assegurar um lucro pessoal.

(Chaleira Preta não sabia ainda como Colley estava intimamente ligado ao governador Evans e ao coronel Chivington em seu plano de expulsar os índios das planícies do Colorado). Em 26 de julho, o agente escrevera a Evans que eles não poderiam depender de quaisquer índios para fazer a paz. "Acho agora que um pouco de pólvora e chumbo é a melhor comida pra eles", concluiu.

Devido a sua desconfiança para com Colley, Chaleira Preta tirou uma segunda cópia da carta e enviou-a para William Bent. Deu as cópias separadas a Ochinee (Um-

Olho) e Cabeça de águia; ordenou-lhes que cavalgassem até Fort Lyon. Seis dias depois, quando Um-Olho e Cabeça de Águia estavam perto do forte, de repente se viram ante três soldados. Os soldados tomaram posição de fogo, mas Um-Olho fez rapidamente sinais de paz e acenou com a carta de Chaleira Preta. Em poucos momentos, os índios foram escoltados até Fort Lyon como prisioneiros e levados ao oficial comandante, o major Edward W. Wynkoop.

Chefe Alto Wynkoop desconfiava dos motivos dos índios. Quando soube, por Um-Olho, que Chaleira Preta queria que ele fosse ao acampamento de Smoky Hill, para guiar os índios até a reserva, perguntou quantos índios havia ali. Dois mil cheyennes e arapahos, respondeu Um-Olho, e talvez duzentos dos seus amigos sioux do norte, que estavam exaustos da perseguição dos soldados. Wynkoop nada comentou. Tinha pouco mais de cem soldados montados e sabia que os índios conheciam o tamanho de suas forças. Receando uma armadilha, ordenou que os mensageiros cheyennes fossem presos na cadeia dos soldados e convocou seus oficiais para uma reunião. O Chefe Alto era jovem, com seus vinte e cinco anos, e sua única experiência militar fora uma batalha contra os confederados do Texas, no Novo México. Pela primeira vez em sua carreira, estava ante uma decisão que poderia significar desastre para seu comando inteiro.

Depois de um dia, Wynkoop decidiu finalmente que teria de ir a Smoky Hill - não para o bem dos índios, mas para resgatar os prisioneiros brancos. Sem dúvida, por essa razão é que Chaleira Preta mencionara os prisioneiros em sua carta; sabia que os brancos não poderiam suportar a ideia de mulheres e crianças brancas vivendo com os índios.

A 6 de setembro, Wynkoop estava pronto para partir com 127 soldados armados. Soltou Um-Olho e Cabeça de águia da cadeia e disse que eles serviriam como guias e reféns da expedição. "Ao primeiro sinal de traição do seu povo", avisou-lhes Wynkoop, "matarei vocês".

"Os cheyennes não faltarão a sua palavra", respondeu Um-Olho. "Se fizessem isso, não me importaria em viver mais". (Wynkoop disse mais tarde que suas conversas com os dois cheyennes, nessa viagem, haviam mudado suas opiniões de bastante tempo sobre os índios, vi-me na presença de seres superiores; eles eram os representantes de uma raça que até então eu considerara, sem exceção, como cruel, traiçoeira e sanguinária, sem sentimentos ou afeições para com amigos ou parentes.) Cinco dias depois, nas cabeceiras do Smoky Hill, os batedores de Wynkoop assinalaram uma força de várias centenas de guerreiros com cores de batalha.

George Bent, que ainda estava com Chaleira Preta, disse que quando os soldados de Wynkoop apareceram, os "dog soldiers."

prepararam-se para uma luta e partiram ao encontro dos soldados com os arcos prontos e flechas nas mãos, mas Chaleira Preta e alguns dos chefes interferiram e, pedindo que o major Wynkoop colocasse suas tropas a uma pequena distância, evitaram um combate".

Na manhã seguinte, Chaleira Preta e os outros chefes reuniram-se com Wynkoop e seus oficiais para um conselho. Chaleira Preta deixou os outros falarem primeiro.



Urso Forte, líder dos dog soldiers, disse que ele e seu irmão Urso Magro haviam tentado viver em paz com os brancos, mas os soldados haviam atacado sem causa ou razão e haviam morto Urso Magro.

"Os índios não têm culpa pela luta", afirmou. "Os homens brancos são raposas e não pode ser feita paz com eles; a única coisa que os índios podem fazer é lutar".

Corvo Pequeno dos arapahos concordava com Urso Forte. "Gostaria de apertar as mãos dos brancos", disse, "mas receio que eles não queiram a paz conosco". Um-Olho pediu para falar, então, e disse que estava envergonhado por ouvir falarem assim. Havia arriscado sua vida para ir a Fort Lyon, disse, e dera sua palavra ao Chefe Alto Wynkoop que os cheyennes e arapahos iriam pacificamente para sua reserva. "Empenhei com o Chefe Alto minha palavra e minha vida", declarou Um-Olho. "Se meu povo não agir com boa fé, irei com os brancos e lutarei em seu favor e tenho muitos amigos que me seguirão".

Wynkoop prometeu que faria tudo que pudesse para impedir que os soldados lutassem com os índios. Disse que não era um grande chefe e não podia falar por todos os soldados, mas que se os índios entregassem os prisioneiros brancos a ele, iria com os líderes índios a Denver e os ajudaria a fazer a paz com os chefes principais.

Chaleira Preta, que estivera silencioso durante a reunião e imóvel, com um leve sorriso no rosto", segundo Wynkoop), levantou-se e disse que estava contente em ouvir o Chefe Alto Wynkoop falar. "Há brancos maus e índios maus", disse. "Os homens maus dos dois lados fizeram esta confusão.

Alguns dos meus jovens juntaram-se a eles. Sou contra a guerra e faço todo o possível para evitá-la. Acho que a culpa é dos brancos. Eles começaram a guerra e forçaram os índios a lutar". Prometeu, então, entregar os quatro prisioneiros brancos que tinha; os outros três estavam num acampamento mais ao norte e seria preciso mais tempo para negociar sobre eles.

Os quatro cativos, todos crianças, pareceram estar bem; na verdade, quando um soldado perguntou a Ambrose Archer, de 8 anos, como os índios o haviam tratado, o menino respondeu que "de bom grado, aceitaria ficar com os índios". Depois de mais negociações, ficou acertado finalmente que os índios continuariam acampados no Smoky Hill enquanto sete chefes iriam a Denver com Wynkoop fazer a paz com o governador Evans e o coronel Chivington. Chaleira Preta, Antílope Branco, Urso Forte e Um-Olho representariam os cheyennes; Neva, Bosse, Muitos-Búfalos e Notanee, os arapahos. Corvo Pequeno e Canhoto, que estavam céticos quanto a quaisquer promessas de Evans e Chivington, ficariam atrás para manter seus jovens arapahos longe de problemas. Cocar de Guerra tomaria conta dos cheyennes no acampamento.

A caravana de soldados montados do Chefe Alto Wynkoop, as quatro crianças brancas e os sete líderes índios chegaram a Denver em 28 de setembro. Os índios num carroção "flatbed" puxado por mulas, cheio de bancos de madeira. Para a viagem, Chaleira Preta içou sua grande bandeira de quartel sobre o carroção e, quando entraram nas ruas empoeiradas de Denver, o pavilhão flutuava protetoramente sobre as cabeças dos chefes.

Denver inteira participou do cortejo.

Antes do conselho começar, Wynkoop visitou o governador Evans para uma conversa. O governador estava hesitando em tratar com os índios.

Disse que os cheyennes e arapahos deveriam ser punidos antes de receber a paz. Essa também era a opinião do comandante do departamento, o general Samuel R. Curtis, que telegrafou ao coronel Chivington do Fort Leavenworth, no mesmo dia: "Não quero paz alguma antes que os índios sofram mais".

Finalmente, Wynkoop teve de pedir ao governador que se encontrasse com os índios. "Mas o que farei com o Terceiro Regimento do Colorado se fizer a paz?", perguntou Evans. "Foram mobilizados para matar índios e devem matar índios". Explicou a Wynkoop que funcionários de Washington haviam dado permissão para que ele mobilizasse o novo regimento porque ele insistira ser necessário para a proteção contra índios hostis. Se agora ele fizesse a paz, os políticos de Washington iriam acusá-lo de adulterar os fatos. Havia pressão política sobre Evans, da parte de habitantes do Colorado, que queriam evitar a diretiva militar de 1864, que os fazia servir em uniforme contra alguns poucos índios mal armados, em vez de contra os confederados, mais ao leste. Eventualmente, Evans cedeu aos pedidos do major Wynkoop; afinal, os índios haviam percorrido 6.400 km para vê-lo, em resposta a sua proclamação.

O conselho foi realizado em Camp Weld, perto de Denver, e incluiu os chefes, Evans, Chivington, Wynkoop, vários outros oficiais do exército e Simeon Whitely, que estava ali por ordem do governador para registrar cada palavra dos participantes. O governador Evans abriu as conversações bruscamente, perguntando aos chefes o que eles tinham a dizer. Chaleira Preta respondeu em cheyenne, com o velho amigo comerciante da tribo, John S. Smith, traduzindo: "Com relação a sua circular de 27 de junho de 1864, tomei conhecimento da matéria e agora vim para falar sobre isso... O major Wynkoop propôs que viéssemos para encontrá-lo. Viemos com os nossos olhos fechados, seguindo seu punhado de homens, como se atravessássemos fogo. Tudo que pedimos é que seja possível termos paz com os brancos.

Queremos pegar na sua mão, nosso pai. Viajamos como no meio duma nuvem. O céu tem estado escuro desde o começo da guerra. Esses bravos que estão comigo desejam fazer o que digo. Queremos levar boas garantias para casa, ao nosso povo, para que este possa dormir em paz. Quero que o senhor faça todos esses chefes de soldados que estão aqui compreender que estamos aqui pela paz, e que faremos a paz, que não devemos ser tomados por eles como inimigos. Não vim aqui com um pequeno uivo de lobo; vim para falar direito com o senhor. Devemos viver perto do búfalo ou morrer de fome. Quando viemos aqui, viemos livremente, sem qualquer apreensão, para encontrá-lo; quando for para casa e disser ao meu povo que peguei na sua mão e nas mãos de todos os chefes aqui em Denver, ele se sentirá bem e, também, todas as várias tribos dos índios das planícies, depois de termos comido e bebido com eles..

Evans respondeu: "Lamento que não tenham respondido ao meu chamado imediatamente. Vocês fizeram uma aliança com os sioux, que estão em guerra

conosco".

Chaleira Preta estava espantado: "Não sei quem pode ter-lhe contado isso", disse. "Não importa quem disse isso", replicou Evans, "mas sua conduta provou, para minha satisfação, que isso era verdade".

Vários dos chefes falaram ao mesmo tempo, então: "Isso é um erro; não fizemos aliança com os sioux ou ninguém mais".

Evans mudou de assunto, afirmando que ele não estava em situação de fazer um tratado de paz: "Soube que vocês pensam que, como os brancos estão em guerra entre si", continuou, "vocês poderão, agora, expulsar os brancos deste país, mas essa crença é falsa. O Pai Grande de Washington tem homens suficientes para expulsar todos os índios das planícies e surrar os rebeldes, ao mesmo tempo... Meu conselho a vocês é que fiquem do lado do governo e mostrem, pelos seus atos, essa disposição amistosa que me apresentam. Está totalmente fora de questão a sua paz conosco, enquanto viverem com nossos inimigos e estarem em termos amistosos com eles..

Antílope Branco, o mais velho dos chefes, falou então: Compreendi cada palavra que disse e as continuarei... Os cheyennes, todos eles, têm seus olhos abertos sobre isso e ouvirão o que disser. Antílope Branco está orgulhoso de ter visto o chefe de todos os brancos desta região. Dirá isso a seu povo. Desde que fui a Washington e recebi esta medalha, tenho chamado de meus irmãos todos os brancos. Mas outros índios foram a Washington e receberam medalhas. Agora, os soldados não apertam as mãos, mas tentam matar-me... Temo que estes novos soldados que apareceram possam matar alguns do meu povo, enquanto estou aqui." Evans disse-lhe, sem rodeios: "Há grande perigo disso". "Quando mandamos nossa carta ao major Wynkoop", continuou Antílope Branco, "foi como se os homens do major Wynkoop tivessem de passar por um fogo pesado ou uma explosão para ir até nosso acampamento; foi o mesmo para nós virmos encontrá-lo".

O governador Evans começou então a fazer perguntas aos chefes sobre incidentes específicos ao longo do Platte, tentando fazer alguns deles cair em armadilhas e admitir participação nos ataques. "Quem tomou o gado de Fremont's Orchard", perguntou, e travou o primeiro combate com os soldados nesta primavera, ao norte daqui."

"Antes de responder a esta pergunta", respondeu corajosamente Antílope Branco, "gostaria que soubesse que isso foi o começo da guerra e gostaria de que soubesse o que houve. Um soldado atirou primeiro." "Os índios haviam roubado cerca de quarenta cavalos", replicou Evans. "Os soldados foram recuperá-los e os índios dispararam uma salva em suas fileiras".

Antílope Branco negou isso. "Eles estavam descendo o Bijou", disse, "e acharam um cavalo e uma mula. Devolveram o cavalo, antes de chegarem ao posto de Gerry, a um homem e foram até Gerry, esperando devolver o outro animal a alguém. Então souberam que soldados e índios estavam lutando no Platte; ficaram com medo e partiram."

"Quem cometeu depredações em Cottonwood?" perguntou Evans. "Os sioux; que grupo, não sabemos." "O que os sioux vão fazer agora..

Touro Forte respondeu a pergunta: "Seu plano é limpar todo esse território", declarou. "Estão furiosos e farão todo o dano que puderem aos brancos. Estou com o senhor e os soldados para lutar com todos aqueles que não têm ouvidos para escutar o que disse... Nunca feri um homem branco.

Estou querendo algo bom. Sempre seremos amigos dos brancos; eles podem me fazer bem... Meu irmão Urso Magro morreu tentando manter a paz com os brancos. Estou disposto a morrer do mesmo jeito e espero fazê-lo".

Como parecia haver pouco mais para discutir, o governador perguntou ao coronel Chivington se ele tinha algo a dizer ao chefes.

Chivington levantou-se. Era um homem bem grande, com um peito largo e um pescoço grosso, ex-pastor metodista, que dedicara boa parte de seu tempo a organização de escolas dominicais nos campos de mineração. Para os índios, ele parecia um grande búfalo barbudo, com um lampejo de loucura furiosa nos olhos. "Não sou um grande chefe guerreiro -, disse Chivington "mas todos os soldados desta região estão sob meu comando.

Minha regra de combater brancos ou índios é lutar com eles até que deponham suas armas e se submetam a autoridade militar. Eles (os índios) estão mais perto do major Wynkoop do que de ninguém, e podem ir a ele, quando estiverem prontos para fazê-lo.

Assim acabou o conselho, deixando os chefes confusos, sem saber se haviam feito a paz ou não. Estavam certos de uma coisa - o único amigo verdadeiro com que podiam contar entre os soldados era o Chefe Alto Wynkoop. O Chefe águia Chivington de olhos brilhantes, dissera que eles deveriam ir a Wynkoop em Fort Lyon e foi o que decidiram fazer.

"Então levantamos nosso acampamento do Smoky Hill e nos mudamos para Sand Creek, cerca de 65 km a nordeste de Fort Lyon", disse George Bent. "Deste novo acampamento, os índios partiam e visitavam o major Wynkoop e as pessoas do forte pareciam tão amistosas que, pouco tempo depois, os arapahos no deixaram e se mudaram para perto do forte, onde estabeleceram acampamento e receberam rações regulares..

Wynkoop forneceu as rações depois que Corvo Pequeno e Canhoto lhe disseram que os arapahos não achavam búfalos ou outra caça na reserva e tinham medo de enviar grupos de caçadores de volta aos terrenos do Kansas. Eles podiam ter sabido da ordem recente de Chivington a seus soldados: "Matem todos os índios que encontrarem".

Os gestos amistosos de Wynkoop para com os índios logo o fizeram cair em desfavor ante os funcionários militares de Colorado e Kansas. Foi censurado por levar os chefes a Denver sem autorização e foi acusado de "deixar os índios tomar conta das coisas em Fort Lyon".

Em 5 de novembro, o major Scott J. Anthony, um oficial dos Voluntários do Colorado de Chivington, chegou a Fort Lyon com ordens de substituir Wynkoop como comandante do posto. Uma das primeiras ordens de Anthony foi cortar as rações dos arapahos e exigir a entrega de suas armas. Eles lhe deram três rifles uma pistola e sessenta arcos com flechas.

Poucos dias depois, quando um grupo de arapahos desarmados aproximou-se do forte para trocar peles de búfalo por rações, Anthony ordenou que seus guardas disparassem contra eles. Anthony riu quando os índios voltaram e fugiram. Declarou a um dos soldados que eles o haviam aborrecido bastante e que era o único jeito de se ver livre deles".

Os cheyennes que estavam acampados em Sand Creek souberam, pelos arapahos, que um pequeno e inamistoso chefe de soldados, de olhos vermelhos, havia tomado o lugar de seu amigo Wynkoop. Na lua do Casamento dos Gamos, em meados de novembro, Chaleira Preta e um grupo de cheyennes dirigiram-se para o forte, para ver esse novo chefe dos soldados. Seus olhos eram mesmo vermelhos (consequência do escorbuto), mas ele se mostrou amistoso. Vários oficiais que estiveram presentes a reunião entre Chaleira Preta e Anthony testemunharam depois que Anthony garantiu aos cheyennes que, se eles voltassem a seu acampamento de Sand Creek, estariam sob a proteção de Fort Lyon. Também lhes disse que seus jovens poderiam ir para leste, no rumo do Smoky Hill, caçar búfalos até que ele conseguisse permissão do Exército para lhes fornecer rações de inverno. Satisfeito com as promessas de Anthony, Chaleira Preta disse que ele e outros líderes cheyennes estavam pensando em ir bem para o sul de Arkansas, de modo a se sentirem seguros, mas que as palavras do maior Anthony os fizeram sentir segurança em Sand Creek. Ficariam ali no inverno.

Depois da partida da delegação cheyenne, Anthony ordenou a Canhoto e Corvo Pequeno que desfizessem o acampamento arapaho, perto de Fort Lyon. "Vão e cacem búfalos para comer", disse-lhes. Alarmados pela brusquidão de Anthony, os arapahos reuniram suas coisas e começaram a se mudar. Quando estavam bem fora da vista do forte, os dois grupos de arapahos dividiram-se. Canhoto foi com seu povo até Sand Creek, juntar-se aos cheyennes. Corvo Pequeno levou seu grupo através do Rio Arkansas e rumou para o sul; não confiava no Chefe dos Soldados Olhos-Vermelhos.

Anthony informou então aos seus superiores que "há um grupo de índios a 60 km do posto... devo tentar manter os índios tranquilos até a hora em que receba reforços". Em 26 de novembro, quando o agente comercial do posto, Cobertor Cinza John Smith, pediu permissão para ir a Sand Creek negociar peles, o major Anthony estava inusitadamente cooperativo. Forneceu a Smith uma ambulância do Exército para transportar seus bens, além de um condutor, o soldado David Louderback, da Cavalaria do Colorado. Mais do que nada, a presença de um agente comercial do posto e de um pacífico representante do Exército encheu os índios de sentimento de segurança e os manteve acampados ali onde estavam.

Vinte e quatro horas depois, os reforços que Anthony disse precisar para atacar os índios aproximaram-se de Fort Lyon. Eram 600 homens dos regimentos do Colorado, do coronel Chivington, incluindo a maioria do Terceiro, que havia sido formado pelo governador John Evans com o único fim de combater os índios, quando a vanguarda atingiu o forte, cercaram-no e proibiram a saída de qualquer pessoa sob pena de morte. No mesmo momento, um destacamento de vinte homens da cavalaria chegou ao rancho de William Bent, alguns quilômetros a leste, cercou a casa de

Bent e proibiu a entrada ou saída de qualquer pessoa. Os dois filhos mestiços de Bent, George e Charlie, e seu cunhado mestiço, Edmond Guerrier, estavam acampados com os cheyennes em Sand Creek.

Quando Chivington foi até o alojamento dos oficiais em Fort Lyon, o major Anthony recebeu-o calorosamente. Chivington começou a falar de "coleccionar escalpos" e "nadar em sangue". Anthony respondeu dizendo que estivera "esperando uma boa oportunidade de atacá-los" e que cada homem em Fort Lyon estava ansioso para se juntar a expedição de Chivington contra os índios.

Porém nem todos os oficiais de Anthony estavam ansiosos ou mesmo dispostos a aderir ao bem planejado massacre de Chivington; o capitão Silas Soule, o tenente Joseph Cramer e o tenente James Connor protestaram, dizendo que um ataque ao pacífico acampamento de Chaleira Preta violaria a garantia de segurança dada aos índios tanto por Wynkoop quanto por Anthony, "que isso seria assassinato em todo o sentido da palavra" e qualquer oficial que participasse desonraria o uniforme do Exército.

Chivington ficou violentamente encolerizado e agitou seu punho perto do rosto do tenente Cramer. "Maldito seja qualquer homem que simpatiza com os índios!", gritou. "Vim para matar índios e acho que é certo e honroso usar qualquer modo sob o céu do Senhor para matar índios".

Soule, Cramer e Connor tinham de participar da expedição ou enfrentar uma corte marcial, mas intimamente resolveram não mandar seus homens atirarem nos índios, a não ser em defesa própria.

Oito da noite de 28 de novembro, a coluna de Chivington, agora englobando mais de setecentos homens com a inclusão dos soldados de Anthony, deslocou-se em coluna de quatro. Quatro morteiros de montanha de 12 libras acompanhavam a cavalaria. Estrelas brilhavam num céu limpo; o ar da noite tinha um trazo cortante de frio. Para guia, Chivington convocara James Beckwourth, de 69 anos, um mulato que vivera com os índios por meio século.

Beckwourth tentou recusar, mas Chivington ameaçou-o de enforcamento se se negasse a guiar os soldados ao acampamento cheyenne-arapaho.

medida que a coluna se deslocava, tornou-se evidente que os olhos fracos e ossos reumáticos de Beckwourth prejudicavam sua utilidade como guia. Numa casa de rancho perto de Spring Bottom, Chivington parou e ordenou que o rancheiro saísse da sua cama e tomasse o lugar de Beckwourth como guia. O rancheiro era Robert Bent, filho mais velho de William Bent; os três filhos meio-cheyennes de Bent logo estariam reunidos em Sand Creek.

O acampamento cheyenne ficava numa curva em ferradura do Sand Creek, ao norte do leito de um rio quase seco. A tenda de Chaleira Preta era perto do centro da aldeia, com a gente de Antílope Branco e Cocar de Guerra a oeste. Do lado leste e pouco separado dos cheyennes estava o acampamento arapaho de Canhoto. Ao todo, havia cerca de 600 índios a beira do riacho, dois terços sendo mulheres e crianças. A maioria dos guerreiros estava a vários quilômetros, caçando búfalos para o acampamento, como haviam sido instados a fazer pelo major Anthony.

Os índios estavam tão confiantes da segurança absoluta que não tinham sentinelas

noturnas, a não ser na manada de cavalos que estava arrebanhada mais para baixo, a beira do riacho. O primeiro aviso que tiveram do ataque foi por volta do nascer do sol - o ressoar dos cascos na planície de areia. "Eu estava dormindo numa tenda", disse Edmond Guerrier. "Primeiro, ouvi algumas das squaws lá fora dizerem que havia muitos búfalos vindo para o acampamento, outras diziam que eram muitos soldados". Guerrier imediatamente saiu e foi para a tenda de Cobertor Cinza Smith. George Bent, que estava dormindo na mesma área, disse que ainda estava sob os cobertores quando ouviu gritos e o barulho de pessoas correndo pelo acampamento. "Lá de baixo, do riacho, uma grande força de soldados estava avançando a trote rápido... mais soldados podiam ser vistos na direção das manadas de cavalos índios ao sul do acampamento. No acampamento, tudo era confusão e barulho - homens, mulheres e crianças correndo para fora das tendas, semivestidos; mulheres e crianças gritando ao ver as tropas; homens correndo para as tendas, em busca de armas...

Olhei para a cabana do chefe e vi que Chaleira Preta içara uma grande bandeira americana, amarrada na ponta de um mastro comprido e estava em pé, na frente da tenda, segurando o mastro, com a bandeira que flutuava a luz cinzenta da aurora de inverno. Ouvi-o dizer a todos que não ficassem com medo, que os soldados não os feririam; então, as tropas abriram fogo de dois lados do acampamento..

Enquanto isso, o jovem Guerrier se reuniu a Cobertor Cinza Smith e ao soldado Louderback na tenda do comerciante Louderback propôs que saíssemos e nos dirigíssemos aos soldados. Tentamos. Antes de sairmos da área da tenda pude ver os soldados começando a desmontar. Achei que eram artilheiros e iriam bombardear o acampamento. Mal começara a falar, quando principiaram a atirar com seus rifles e pistolas. Quando vi que não os alcançaria, fugi; deixei o soldado e Smith..

Louderback parou momentaneamente, mas Smith continuou a ir na direção dos homens da cavalaria. "Matem o maldito velho filho de uma puta". gritou um soldado, das fileiras. "Ele não é melhor que um índio". Aos primeiros tiros disparados, Smith e Louderback voltaram-se e correram para sua tenda. Jack, o filho mestiço de Smith, e Charlie Bent já haviam se protegido ali.

Nesse momento, centenas de mulheres e crianças cheyennes estavam reunidas em volta da bandeira de Chaleira Preta. Pelo leite seco do riacho, outras estavam vindo do acampamento de Antílope Branco. Afinal, o coronel Greenwood não dissera a Chaleira Preta que, enquanto a bandeira dos Estados Unidos estivesse sobre ele, nenhum soldado atiraria nele.

Antílope Branco, um velho de 71 anos, desarmado, com o rosto escuro sulcado pelo sol e pelo frio, dirigiu-se aos soldados. Ainda confiava que os soldados parariam de atirar logo que vissem a bandeira americana e a bandeira branca de rendição que Chaleira Preta içara então.

Beckwourth, cavalgando atrás do coronel Chivington, viu Antílope Branco se aproximando. "Ele veio correndo para se encontrar com o comando, testemunhou mais tarde Beckwourth, "com as mãos para o alto e dizendo "Parem! Parem!" Falava isso num inglês tão bom quanto o meu.

Parou e cruzou os braços, até ser atingido". Os sobreviventes dos cheyennes disseram que Antílope Branco cantou a canção da morte antes de expirar: "Nada vive muito tempo; só a terra e as montanhas".

Do lado do acampamento arapaho, Canhoto e seu povo também tentavam chegar a bandeira de Chaleira Preta. Quando Canhoto viu os soldados, ficou com os braços cruzados, dizendo que não lutaria com os brancos pois eles eram seus amigos. Foi atingido pelos tiros.

Robert Bent que estava cavalgando contra a vontade com o coronel Chivington, disse que quando avistaram o acampamento, "Vi a bandeira americana flamulando e ouvi Chaleira Preta dizer aos índios que ficassem a volta da bandeira, e ali estavam eles amontoados - homens, mulheres e crianças. Isso quando estávamos a uns cinco metros dos índios. Também vi uma bandeira branca içada. As bandeiras estavam numa posição tão evidente que, necessariamente, seriam vistas. Quando os soldados atiraram, os índios correram, alguns dos homens para suas tendas, provavelmente para pegar armas... Acho que havia, ao todo, uns 600 índios.

Uns 35 bravos e alguns velhos, cerca de 60 ao todo... o resto dos homens estava fora do acampamento, caçando... Depois da salva, os guerreiros puseram as squaws e as crianças juntas e as cercaram para protegê-las. Vi cinco squaws sob um banco, em busca de proteção. Quando as tropas as alcançaram, saíram e mostraram-se para que os soldados vissem que eram squaws, e pediram mercê, mas os soldados feriram-nas. Vi uma squaw no banco, com a perna quebrada por um obus; um soldado foi até ela com o sabre desembainhado; ela levantou um braço para se proteger, quando ele golpeou, quebrando-lhe o braço; ela rolou e levantou o outro braço, que ele golpeou e quebrou; depois, deixou-a, sem matá-la. Parecia haver uma matança indiscriminada de homens, mulheres e crianças. Havia cerca de trinta ou quarenta squaws reunidas numa caverna como abrigo. Enviaram uma menina de cerca de seis anos com uma bandeira branca num pau; mal dera uns passos, ela foi atingida e morta. Todas as squaws da caverna foram mortas mais tarde, além de quatro ou cinco homens fora dela. As squaws não ofereceram resistência. Todo mundo que vi morto estava escalpado. Vi uma squaw cortada com um filho ainda não nascido, segundo me pareceu, ao seu lado. O capitão Soule me disse depois que havia sido isso mesmo. Vi o corpo de Antílope Branco com os genitais cortados e ouvi um soldado dizer que iria fazer uma bolsa de fumo com eles. Vi uma squaw com os genitais cortados... Vi uma menina de uns cinco anos que se escondera na areia; dois soldados descobriram-na, tiraram seus revólveres e a mataram, arrastando-a depois pelo braço sobre a areia. Vi várias crianças de colo mortas com suas mães."

(Num pronunciamento público feito em Denver, pouco antes do massacre, o coronel Chivington defendeu a morte e o escalpo de todos os índios, mesmo crianças. "Dos ovos é que nascem os piolhos.", declarou.) A descrição de Robert Bent sobre as atrocidades dos soldados foi corroborada pelo tenente James Connor: "Ao passar pelo campo de batalha no dia seguinte não vi um corpo de homem, mulher ou criança que não estivesse escalpado e, geralmente, os corpos estavam mutilados da maneira mais horrível - homens, mulheres e crianças com os genitais cortados,



etc."; ouvi um homem dizer que havia cortado as partes genitais de uma mulher e as pendurara num pau para mostrar; ouvi outro homem dizer que cortara os dedos de um índio para ficar com os anéis da mão; segundo meu melhor conhecimento e crença, essas atrocidades foram cometidas com o conhecimento de J. M. Chivington e não sei de qualquer medida que ele tenha tomado para impedi-las; ouvi o caso de uma criança de poucos meses que foi jogada no interior de um carroção e, depois de ser levada a alguma distância, deixada no chão para morrer; também ouvi vários casos de homens que cortaram genitais de mulheres e os penduraram no arção da sela ou os usaram nos chapéus, quando cavalgavam nas fileiras".

Um regimento treinado e bem disciplinado de soldados poderia, sem dúvida, ter destruído quase todos os índios indefesos de Sand Creek. A falta de disciplina, combinada com o grande consumo de uísque durante a marcha noturna, covardia e falta de perícia no tiro entre os soldados do Colorado, tornou possível a fuga de muitos índios. Vários cheyennes cavaram trincheiras nas margens altas do riacho seco e as mantiveram até a noite. Outros escaparam sozinhos ou em pequenos grupos pela planície.

Quando o tiroteio acabou, 105 mulheres e crianças índias, além de 28 homens, estavam mortos. Em seu relatório oficial, Chivington afirmou que morreram entre 400 e 500 guerreiros. Teve nove perdas e 38 feridos, muitas destas baixas causadas por disparos errados de soldados uns contra os outros. Entre os chefes mortos estavam Antílope Branco, Um-Olho e Cocar de Guerra. Chaleira Preta escapara milagrosamente subindo uma ravina, mas sua mulher estava gravemente ferida. Canhoto, embora atingido, também conseguiu sobreviver.

Os prisioneiros, no fim da luta, eram sete - a mulher cheyenne de John Smith, a mulher de outro civil branco de Fort Lyon, seus três filhos e os dois rapazes mestiços, Jack Smith e Charlie Bent. Os soldados queriam matar os rapazes mestiços porque estavam com roupas índias. O velho Beckwourth salvou Charlie Bent escondendo-o num carroção, com um oficial ferido, deixando-o depois com seu irmão Robert. Mas Beckwourth não pôde salvar a vida de Jack Smith; um soldado matou o filho do agente disparando contra ele, por um buraco na tenda onde o rapaz estava preso.

O terceiro filho de Bent, George, separou-se de Charlie no começo da luta. juntou-se aos cheyennes que cavaram trincheiras nas margens altas do riacho. "Quando nosso grupo chegou a esse lugar", disse, "fui atingido por uma bala no quadril e cá; mas consegui me arrastar para uma das cavernas e ficar entre guerreiros, mulheres e crianças". Depois de cair a noite, os sobreviventes saíram dali. Estava muito frio e corria sangue de suas feridas, mas não ousavam fazer fogueiras. O único pensamento em suas mentes era fugir para leste até o Smoky Hill e tentar a reunião com os guerreiros. "Foi uma marcha terrível", lembrou George Bent, "com a maioria de nós descalça, sem comida, semivestida, atrapalhada por mulheres e crianças". Suportaram, por 80 km, ventos gelados, fome e a dor das feridas, mas finalmente chegaram ao acampamento de caça. "Quando chegamos ao acampamento, houve uma cena terrível. Todo mundo estava chorando, mesmo os guerreiros, e as mulheres e crianças gritavam e gemiam. Quase todos que estavam ali tinham

perdido alguns parentes ou amigos e muitos deles, em sua dor, cortavam-se com suas facas até o sangue correr em jorro..

Assim que sua ferida sarou, George voltou ao rancho do pai. Ali, ouviu do seu irmão Charlie mais detalhes das atrocidades dos soldados em Sand Creek - os horríveis escalpos e mutilações, a carnificina de crianças e bebês. Depois de alguns dias, os irmãos decidiram que, como mestiços, não queriam fazer parte da civilização do homem branco e deixaram silenciosamente seu rancho. Com eles, seguiu a mãe de Charlie, Mulher Amarela, que jurou nunca mais viver com um homem branco.

Partiram para o norte, a fim de se juntarem aos cheyennes.

Era janeiro, a lua do Frio Forte, quando os índios das planícies tradicionalmente faziam fogueiras em suas tendas, contavam histórias nas noites longas e dormiam até tarde. Mas esta era uma época ruim e, a medida que as notícias do massacre de Sand Creek se espalhavam pelas planícies, os cheyennes, arapahos e sioux enviaram mensageiros para lá e para cá, com apelos para uma guerra de vingança contra os brancos assassinos.

No momento em que Mulher Amarela e os jovens irmãos Bent alcançaram seus parentes no Rio Republican, os cheyennes haviam recebido apoio de milhares de aliados compassivos - os sioux brulés de Cauda Pintada, os sioux oglalas de Matador-de-Pawnee e grandes grupos de arapahos do norte. Os cheyennes dog soldiers (agora liderados por Touro Forte) que se recusaram a ir a Sand Creek estavam ali, bem como Nariz Romano e seu bando de jovens guerreiros. Enquanto os cheyennes choravam seus mortos, os líderes das tribos fumavam cachimbos de guerra e planejavam sua estratégia.

Em algumas horas de loucura em Sand Creek, Chivington e seus soldados destruíram as vidas ou a força de todo chefe cheyenne e arapaho que insistira em fazer a paz com os brancos. Depois da fuga dos sobreviventes, os índios rejeitaram Chaleira Preta e Canhoto, voltando-se para líderes guerreiros que os salvassem do extermínio.

Ao mesmo tempo, funcionários dos Estados Unidos pediam uma investigação sobre o governador Evans e o coronel Chivington e, embora devessem saber que era tarde demais para evitar uma guerra índia total, enviaram Bezerra Mágico Beckwourth como emissário junto a Chaleira Preta, para ver se havia possibilidades de paz. Beckwourth achou os cheyennes, mas logo soube que Chaleira Preta havia partido para algum lugar com um punhado de parentes e velhos.

O chefe principal agora era Perna-na-água.

"Fui até a tenda de Perna-na-água", disse Beckwourth. "Quando entrei, ele se levantou e disse: Bezerra Mágico, para que veio aqui? Você conseguiu que o homem branco pare de matar, nossas famílias? Disse-lhe que viera falar com ele; convocar seu conselho. Eles vieram pouco depois e queriam saber para que eu estava ali. Disse-lhes que viera para convencê-los a fazer a paz com os brancos, já que não havia bastantes deles para lutar com os brancos, que eram tão numerosos quanto as folhas das árvores. - Sabemos disso", foi a resposta geral do conselho. "Mas para que queremos viver? O homem branco tomou nossa terra, matou toda nossa caça; não satisfeito com isso, matou nossas mulheres e crianças. Agora, nada de paz.

Queremos ir e encontrar nossas famílias na terra dos espíritos. Gostávamos dos brancos até descobrirmos que eles mentiram para nós e nos roubaram o que tínhamos. Levantamos a machadinha da guerra até a morte".

"Perguntaram-me então por que eu fora a Sand Creek com os soldados para mostrar-lhes o caminho. Disse-lhes que se não fosse, o chefe branco me enforcaria. "Vá e fique com seus irmãos brancos, mas vamos lutar até a morte". Obedeci a ordem e voltei, pensando em largar tudo".

Em janeiro de 1865, a aliança de cheyennes, arapahos e sioux desencadeou uma série de ataques ao longo do South Platte. Atacaram comboios de carroções, estações de diligências e pequenos postos militares.

Queimaram a cidade de Julesburg, escalpando os defensores brancos como vingança do escalpo dos índios em Sand Creek. Cortaram quilômetros de fios do telégrafo. Atacaram e saquearam a estrada do Platte de cima a baixo, cessando todas as comunicações e entrega de provisões. Em Denver, houve pânico quando começaram a crescer os racionamentos de alimentos.

Quando os guerreiros voltaram ao acampamento de inverno nas Grandes árvores as margens do Republican, fizeram uma grande dança para celebrar seus primeiros golpes de vingança. A neve cobria as planícies, mas os chefes sabiam que logo os soldados viriam marchando de todas as direções com seus canhões de fala grossa. Enquanto as danças ainda estavam sendo realizadas, os chefes fizeram um conselho para decidir onde deveriam ir a fim de escapar aos soldados. Chaleira Preta estava ali e falou para irem ao sul, para baixo do Arkansas, onde os verões eram longos e havia muitos búfalos. A maioria dos outros chefes queria ir para o norte, através do Platte, para alcançar seus parentes no território do Rio Powder.

Nenhum soldado iria ousar marchar no grande baluarte dos sioux tetons e dos cheyennes do norte. Antes do conselho acabar, a aliança concordou em enviar mensageiros ao território do Rio Powder para dizer as tribos que eles iriam.

Porém Chaleira Preta não iria, e cerca de 400 cheyennes na maior parte velhos, mulheres e alguns guerreiros gravemente feridos - concordaram em segui-lo no rumo sul. No último dia antes do acampamento ser levantado, George Bent disse adeus a esses últimos remanescentes do povo de sua mãe, os cheyennes do sul. "Andei pelas tendas e apertei as mãos de Chaleira Preta e de todos os meus amigos. As tendas chefiadas por Chaleira Preta foram para o sul do Arkansas e se juntaram aos arapahos do sul, kiowas e comanches".

Com cerca de 3 mil sioux e arapahos, os cheyennes (incluindo Mulher Amarela e os irmãos Bent) foram para o norte, exilados para uma terra que poucos deles haviam visto antes. Pelo caminho, tiveram combates com soldados que procediam de Fort Laramie, mas a aliança era forte demais para os soldados, e os índios mantiveram-nos a distância, como se fossem coiotes acoçando uma poderosa manada de búfalos.

Quando chegaram ao território do Rio Powder, os cheyennes do sul foram recebidos por seus parentes, os cheyennes do norte. Os do sul, vestidos de mantas e perneiras, trocadas com os brancos, acharam os do norte com uma aparência muito selvagem em suas roupas de búfalo e perneiras de pele. Os cheyennes do norte

prendiam seus cabelos trançados com faixas de couro pintado de vermelho, usavam penas de corvo em suas cabeças e empregavam tantas palavras sioux que os cheyennes do sul tinham dificuldade para compreendê-los. Estrela da Manhã, um chefe importante dos cheyennes do norte, vivera e caçara tanto tempo com os sioux que quase todos o chamavam pelo nome sioux, Faca Embotada.

Primeiro, os do sul acamparam perto do Powder, cerca de meio quilômetro de distância dos do norte, mas havia tantas visitas de parte a parte, que logo decidiram acampar juntos, colocando as tendas num círculo tribal tradicional, com os clãs reunidos. A partir daí, pouco se falou de norte e sul entre os cheyennes.

Na primavera de 1865, quando mudaram suas montarias para o Rio Tongue em busca de pasto melhor, acamparam perto dos sioux oglalas de Nuvem Vermelha. Os cheyennes do sul nunca haviam visto tantos índios acampados juntos, mais de oito mil, e os dias e noites eram cheios de caçadas e cerimônias, festas e danças.

George Bent contou depois que recebeu Jovem-Medroso-de-seus-Cavalos, um sioux, em seu clã cheyenne, os Lanças Curvas. Isso indica como sioux e cheyennes estavam ligados nessa época.

Embora cada tribo mantivesse suas próprias leis e costumes, esses índios, pensavam em si como o Povo, confiantes em seu poder e certos de seu direito de viver como desejavam. Os invasores brancos estavam desafiando-os a leste, em Dakota, e a sul, ao longo do Platte, mas os índios estavam prontos a enfrentar todos os desafios. "O Grande Espírito criou o branco e o índio", disse Nuvem Vermelha.

"Acho que criou o índio primeiro.

Criou-me nesta terra e ela me pertence. O branco foi criado a margem das grandes águas e sua terra é ali. Desde que cruzaram o mar, dei-lhes lugar.

Agora há brancos por toda minha volta. Tenho apenas um pequeno punhado de terra. O Grande Espírito, disse-me que o conservasse".

Durante a primavera, os índios enviaram patrulhas para observar os soldados que guardavam as estradas e os fios de telégrafo ao longo do Platte. As patrulhas assinalaram mais soldados que de costume, alguns deles se dirigindo para o norte, ao longo da trilha Bozeman, ao longo do território do Rio Powder. Nuvem Vermelha e os outros chefes decidiram que era tempo de dar uma lição aos soldados; iriam atacá-los onde estavam mais ao norte, um lugar que os brancos chamavam de Platte Bridge Station.

Como os guerreiros cheyennes do sul queriam vingança pelos parentes massacrados em Sand Creek, a maioria deles foi convidada para ir na expedição.

Nariz Romano, dos lanças-curvas, era seu líder e ele cavalgou com Nuvem Vermelha, Faca Embotada e Velho-Medroso-de-Seus-Cavalos.

Quase três mil guerreiros formaram o grupo bélico. Entre eles, os irmãos Bent, pintados e vestidos para luta.

A 24 de julho, chegaram as colinas que estão a cavaleiro da ponte que cruza o Platte do norte. Na extremidade oposta da ponte, havia o posto militar - uma estacada, estação de diligências e agência do telégrafo. Cerca de mil soldados estavam dentro da estacada. Após olhar o lugar com seus binóculos de campanha, os chefes decidiram queimar a ponte, cruzar o rio num vau raso abaixo e, então, sitiar a

estacada. Mas primeiro tentariam atrair os soldados para fora, com engodos, e matar tantos quanto pudessem.

Dez guerreiros desceram a tarde, mas os soldados não saíram da estacada. Na manhã seguinte, outro grupo de chamarizes espreitava os soldados na ponte, mas eles também não saíram. Na terceira. manhã, para surpresa dos índios, um pelotão de cavalarianos saiu do forte, atravessou a ponte e dirigiu-se para oeste, a trote. Em questão de segundos, várias centenas de cheyennes e sioux estavam sobre seus cavalos e corriam velozmente pelas colinas, atrás dos Casacos Azuis. "Quando chegamos perto dos soldados", disse George Bent, "vi um oficial, atrás de mim, correr num cavalo baio, através das densas nuvens de poeira e fumaça. Seu cavalo original estava fugindo dele... o tenente tinha uma ferida de flecha na testa e seu rosto estava estriado de sangue". (O oficial mortalmente ferido era o tenente Caspar Collins). Poucos cavalarianos escaparam e se reuniram a um pelotão de salvamento da infantaria, na ponte. O canhão do forte impediu uma perseguição posterior por parte dos índios.

Enquanto ocorria o combate, alguns dos índios ainda nas colinas descobriram por que os cavalarianos haviam saído do forte. Sua marcha era destinada a encontrar uma caravana de carroções que se aproximava, vinda do Oeste. Em poucos minutos, os índios cercaram o comboio de carroções, mas os soldados se esconderam sob os carroções e travaram uma luta obstinada. Durante os primeiros minutos da batalha, o irmão de Nariz Romano foi morto.

Quando Nariz Romano soube disso, ficou alucinado por vingança.

Convocou todos os cheyennes para um ataque. "Vamos esvaziar as armas dos soldados!", gritou. Nariz Romano estava usando seu escudo e o cocar mágico; sabia que as balas não o atingiriam. Liderou os cheyennes até um círculo em volta dos carroções e todos soltaram seus cavalos para correr mais depressa, à medida que o círculo se fechou, em torno dos vagões, os soldados esvaziaram todas as suas armas imediatamente e, então, os cheyennes atacaram os carroções diretamente, matando todos os soldados.

Ficaram decepcionados com o que acharam nos carroções: apenas roupa de cama dos soldados e caixas de rações.

Nessa noite, no acampamento, Nuvem Vermelha e os outros chefes decidiram que haviam ensinado os soldados a temer o poder dos índios.

Retornaram, então, ao território do Rio Powder, esperando que os brancos agora obedeceriam ao tratado de Laramie e deixariam de passar sem permissão pelo território dos índios no norte do Platte.

Enquanto isso, Chaleira Preta e os últimos remanescentes dos cheyennes do sul mudaram-se para o sul do Rio Arkansas. juntaram-se aos arapahos de Corvo Pequeno, que, por essa época, souberam do massacre de Sand Creek, onde tinham perdido amigos e parentes, que estavam pranteando. Durante o verão (1865), seus caçadores só encontraram poucos búfalos abaixo do Arkansas, mas tinham medo de voltar para o norte, onde os grandes rebanhos pastavam entre os rios Smoky Hill e Republican.

No fim do verão, enviados e mensageiros começaram a vir de todas as direções,

procurando Chaleira Preta e Corvo Pequeno. De repente, eles se haviam tornado muito importantes. Alguns funcionários brancos viajaram desde Washington para encontrar os cheyennes e arapahos e dizer-lhes que o Pai Grande e seu Conselho estavam cheios de piedade por eles. Os funcionários do governo queriam fazer um novo tratado.

Embora os cheyennes e arapahos houvessem sido expulsos do Colorado e colonos estivessem querendo suas terras, parecia que os títulos das terras não eram claros. Pela lei dos velhos tratados, poder-se-ia provar que a própria Denver City ficava em terra cheyenne e arapaho. O governo queria que acabassem todas as reivindicações de terra dos índios no Colorado, de modo que os colonos brancos tivessem certeza de possuir a terra, uma vez que a reclamassem.

Chaleira Preta e Corvo Pequeno não concordaram em se encontrar com os funcionários, até que o pedido foi feito pelo Pequeno Homem Branco, William, Bent. Ele disse-lhes que tentara convencer os Estados Unidos a dar direitos permanentes aos índios sobre o território dos búfalos, entre o Smoky Hill e o Republican, mas o governo recusara porque uma linha de diligências e, depois, uma estrada de ferro passariam através do território, trazendo mais colonos brancos. Os cheyennes e arapahos teriam de viver ao sul do Rio Arkansas.

Na lua da Grama Seca, Chaleira Preta e Corvo Pequeno encontraram-se com os delegados dos brancos, na foz do Pequeno Arkansas.

Os índios haviam visto antes dois desses fazedores de tratados - Suíças Pretas Sanborn e Suíças Brancas Harney. Achavam que Sanborn era um amigo, mas lembravam-se de que Harney massacrara os sioux brulés na Água Azul, em Nebraska, em 1855. Os agentes Murphy e Leavenworth estavam ali e um homem de fala honesta, James Steele. Lançador do Laço Carson, que separara os navajos de suas terras tribais, também estava.

Cobertor Cinzento Smith, que sofrera a provação de Sand Creek com eles, chegou como intérprete, e o Pequeno Homem Branco estava ali para fazer o melhor que podia por eles.

"Aqui estamos juntos, arapahos e cheyennes", disse Chaleira Preta, "mas poucos de nós; nós somos um povo... Todos os meus amigos, os índios que não vieram - estão com medo de vir; estão com medo de serem traídos como eu fui". "Será uma coisa muito dura deixar o território que Deus nos deu", disse Corvo Pequeno. "Nossos amigos estão enterrados ali e odiamos deixar esse chão... Há algo duro para nós - esse bando louco de soldados que esvaziou nossas tendas e matou nossas mulheres e crianças. Isso é duro para nós. Lá em Sand Creek Antílope Branco e muitos outros chefes jazem ali; nossas mulheres e crianças jazem ali. Nossas tendas foram destruídas ali, nossos cavalos nos foram tomados ali e não me sinto disposto a ir assim para um novo território e deixá-los".

James Steele respondeu: "Todos nós percebemos muito bem que é duro para qualquer povo deixar seus lares e os túmulos de seus ancestrais, mas, infelizmente para vocês, foi descoberto ouro em seu território e uma multidão de gente branca foi morar lá, e a maioria dessa gente são os piores inimigos dos índios - homens que não se importam com o interesse alheio e que não se deteriam ante qualquer crime

para se enriquecerem. Esses homens agora estão em seu território - em todas as partes dele - e não há lugar onde vocês possam viver e se sustentar sem entrar em contato com eles. As consequências desse estado de coisas é que vocês estão em perigo constante de sujeição e terão de recorrer as armas em defesa própria. Nessas circunstâncias não há, na opinião da comissão, qualquer parte do antigo território suficientemente grande para viverem em paz..

Chaleira Preta disse: "Nossos antepassados, quando vivos, moravam todos nesse território; não sabiam fazer mal a ninguém; depois morreram e foram não sei para onde. Todos nós perdemos o caminho..."

Nosso Pai Grande mandou-os aqui, com suas palavras para nós, e as ouvimos. Embora os soldados nos tenham atacado, deixamos isso para trás e estamos contentes por encontrá-los em paz e amizade. Ao que vocês vieram fazer aqui e ao que fez o Presidente enviá-los, não objeto, digo sim... Os brancos podem ir aonde quiserem e não serão perturbados por nós, e quero que lhes digam isso... Somos nações diferentes, mas é como se fôssemos um só povo, brancos e todos... Outra vez, pego-os pela mão e fico feliz. Estas pessoas que estão conosco ficam felizes em pensar que temos paz novamente, que podemos dormir profundamente e que podemos viver".

E assim concordaram em viver ao sul do Arkansas, partilhando a terra que pertencia aos kiowas.

A 14 de outubro de 1865, os chefes e líderes que restavam aos cheyennes do sul e arapahos, assinaram o novo tratado concordando com uma "paz perpétua". O artigo 2 do tratado dizia: "Fica estabelecido plenamente pelos grupos índios aqui reunidos... que doravante cederão, sem dúvida, quaisquer reivindicações ou direitos... a ou sobre o território demarcado como se segue, isto é: começando na junção dos braços norte e sul do Rio Platte; daí, do braço norte ao cimo da cadeia principal das Montanhas Rochosas ou até aos Montes Vermelhos; daí, para o sul ao longo do cimo das Montanhas Rochosas até a parte superior do Rio Arkansas; daí, para baixo pelo Rio Arkansas até o Cimarron cruzar o mesmo; daí, ao lugar do começo. Esse território é o que proclamam ter possuído originalmente e que nunca contestarão por esse título..

Assim os cheyennes e arapahos abandonaram todas as reivindicações ao território do Colorado. E essa, sem dúvida, foi a significação real do massacre de Sand Creek.

# Capítulo 04

## Invasão do Rio Powder

*De quem foi a voz que primeiro soou nesta terra? A voz do povo vermelho que só tinha arcos e flechas...O que foi feito em minha terra, eu não quis, nem pedi; os brancos percorrendo minha terra...Quando o homem branco vem ao meu território, deixa uma trilha de sangue atrás dele...Tenho duas montanhas neste território - as Black Hills e a montanha Big Horn. Quero que o Pai Grande não faça estradas através delas. Disse estas coisas três vezes; agora venho dizê-las pela quarta vez..*

- MAHPIUA LUTA (Nuvem Vermelha), dos sioux oglalas

DEPOIS DE VOLTAR ao território do Rio Powder, após o combate de Platte Bridge, os índios das planícies começaram a se preparar para suas costumeiras cerimônias mágicas de verão. As tribos acamparam próximas, na foz do riacho Crazy Woman, no Rio Powder.

Mais ao norte, ao longo do rio e do Missouri Pequeno, estavam alguns sioux tetons que haviam se mudado para oeste nesse ano, para fugir dos soldados do general Sully em Dakota. Touro Sentado e sua gente hunkpapa estavam aí, e esses primos dos oglalas enviaram emissários para uma grande dança solar, a renovação religiosa anual dos tetons. Enquanto decorria a dança solar, os cheyennes fizeram sua cerimônia das flechas e de mágica, com duração de quatro dias. O Guardador da Flecha retirou as quatro flechas secretas de sua bolsa de pele de coitote: e todos os homens da tribo desfilaram ante elas, para fazer uma oferenda e rezar para as flechas.

Urso Negro, um dos principais chefes dos arapahos do norte, decidiu levar seu povo para oeste, ao Rio Tongue; convidou alguns dos arapahos do sul que haviam vindo do norte, depois de Sand Creek, a ir com eles. Disse que eles fariam uma aldeia no Tongue e teriam muitas caçadas e danças antes da chegada das luas frias.

E assim, no fim de agosto de 1865, as tribos do território do Rio Powder estavam espalhadas desde o rio Big Horn a oeste até as Black Hills a leste. Estavam tão certas da inexpugnabilidade do território que a maioria deles se mostrou cética quando começaram a ouvir notícias sobre soldados que viriam até eles, de quatro direções.

Três das colunas de soldados estavam sob o comando do general Patrick E. Connor, transferido de Utah, em maio, para combater índios, ao longo da estrada do Platte. Em 1863, o Chefe Estrelado Connor cercara um acampamento de paiutes no Rio Bear e massacrara 278 deles. Por isso, era considerado pelos brancos como um bravo defensor da fronteira contra o "inimigo vermelho".

Em julho de 1865, Connor anunciou que os índios ao norte do Platte "devem ser caçados como lobos" e começou a organizar três colunas de soldados para uma invasão do território do Rio Powder. Uma coluna, comandada pelo coronel Nelson Cole marcharia de Nebraska até as Black Hills de Dakota. Uma segunda coluna, sob



as ordens do coronel Samuel Walker, se deslocaria diretamente para o norte de Fort Laramie, para ligação com Cole nas Black Hills. A terceira coluna, com o próprio Connor no comando, tomaria a direção noroeste ao longo da Estrada Bozeman rumo a Montaria. O general Connor esperava, assim, emboscar os índios entre a sua coluna e as forças combinadas de Cole e Walker. Aconselhou seus oficiais a não aceitarem aberturas de paz dos índios e ordenou severamente: "Ataquem e matem todo homem índio com mais de doze anos de idade".

No começo de agosto, as três colunas foram postas em movimento.

Se tudo corresse de acordo com o plano, encontrar-se-iam, cerca de 10 de setembro, no Rio Rosebud, no coração do território índio hostil.

Uma quarta coluna, que não tinha ligação com as expedições de Connor, também estava se aproximando do território do Rio Powder, vinda do leste. Organizada por um civil, James A. Sawyers, para abrir uma nova rota terrestre, esta coluna tinha como único objetivo alcançar os campos de ouro de Montana. Como Sawyers sabia que penetraria em terras índias cedidas por tratados, esperava resistência e assim conseguiu duas companhias de infantaria para escoltar seu grupo de buscadores de ouro e 80 carroções de suprimentos.

Foi mais ou menos em 14 ou 15 de agosto que os sioux e cheyennes, que estavam acampados ao longo do Powder, souberam do comboio de Sawyers. "Nossos caçadores percorreram o acampamento muito excitados" lembrou-se George Bent, "e disseram que os soldados estavam rio acima. Nosso pregoeiro, um homem chamado Urso Forte, montou e cavalgou pelo acampamento, gritando que os soldados estavam chegando. Nuvem Vermelha reuniu sua gente, montou e cavalgou pelo acampamento sioux, gritando a mesma coisa para os sioux. Todo mundo correu para os cavalos.

Em ocasiões assim, um homem sempre pegava o cavalo que queria; se o cavalo morresse na luta, o cavaleiro não teria de pagá-lo a seu dono, mas tudo que o cavaleiro capturasse na batalha pertenceria ao dono do cavalo que ele montasse. Quando todos estavam montados, cavalgamos pelo Powder acima cerca de 24 km, onde descobrimos o grupo de construção de estradas" de Sawyers, um grande comboio de emigrantes deslocando-se com soldados em cada lado..

Como parte dos despojos tomados durante a batalha de Platte Bridge, os índios haviam trazido alguns uniformes e clarins do Exército. Ao deixar o acampamento, George Bent pegara apressadamente uma túnica de oficial e seu irmão Charlie levava um clarim. Achavam que essas coisas poderiam enganar os soldados e enervá-los. Cerca de 500 sioux e cheyennes estavam no grupo guerreiro e tanto Nuvem Vermelha como Faca Embotada faziam parte dele. Os chefes estavam muito irritados porque os soldados haviam vindo para seu território sem pedir permissão. Quando viram primeiramente o comboio de carroções, ele estava entre duas montanhas com um rebanho de cerca de 300 cabeças de gado na retaguarda. Os índios dividiram-se, espalharam-se por saliências dos dois lados e, a um sinal, começaram a disparar contra a escolta de soldados. Em poucos minutos, o comboio formou um curral circular, com o gado reunido no interior e as rodas dos carroções enganchadas.

Por duas ou três horas, os guerreiros divertiram-se descendo dissimuladamente por sulcos da terra e, de repente, disparando a pequena distância. Alguns dos cavaleiros mais ousados galopavam até perto, cercavam os carroções e, então, saíam do alcance dos defensores. Depois que os soldados começaram a atirar com seus dois morteiros, os guerreiros ficaram atrás de pequenos outeiros, lançando gritos de guerra e insultando os soldados. Charlie Bent tocou seu clarim várias vezes e gritou todo palavrão anglo-saxão que pôde lembrar ter ouvido em volta do posto comercial de seu pai. ("Eles nos insultavam da maneira mais terrível", disse depois um dos mineiros sitiados. "Alguns poucos sabiam inglês suficiente para nos chamar com os nomes mais reles que se podia imaginar".) A caravana de carroções não podia se mover, mas os índios também não podiam chegar até ela. Por volta do meio-dia, para acabar com o impasse, os chefes ordenaram que fosse içada uma bandeira branca.

Poucos minutos depois, um homem de calças de couro saiu a cavalo do curral de carroções. Como os irmãos Bent sabiam falar inglês, foram enviados para encontrar o emissário. O homem era um mexicano bem-humorado, Juan Suse, e ficou tão espantado com o inglês dos Bent quanto com o blusão azul de uniforme usado por George. Suse, que sabia pouco inglês, teve de usar a linguagem de sinais, mas conseguiu fazê-los compreender que o comandante do comboio de carroções estava disposto a parlamentar com os chefes índios.

Uma reunião foi prontamente organizada, os Bent como intérpretes agora para Nuvem Vermelha e Faca Embotada. O coronel Sawyers e o capitão George Williford saíram do curral com uma pequena escolta. O título do coronel Sawyers era honorário, mas ele se considerava comandante do comboio. O título do capitão Williford era autêntico; suas duas companhias de soldados eram de lanques "Galvanizados", antigos prisioneiros de guerra confederados. Os nervos de Williford estavam a flor da pele. Estava inseguro com relação a seus homens, inseguro a respeito de sua autoridade na expedição. Olhou fixamente para a túnica azul usada pelo intérprete mestiço dos cheyennes, George Bent.

Quando Nuvem Vermelha pediu uma explicação pela presença de soldados em território índio, o capitão Williford respondeu perguntando por que os índios haviam atacado homens brancos pacíficos. Charlie Bent, ainda desgostoso com lembranças de Sand Creek, disse a Williford que os cheyennes iriam combater todos os brancos até que o governo enforcasse o coronel Chivington. Sawyers protestou que não viera para lutar contra os índios; estava procurando um caminho curto para os campos de ouro de Montana e só queria passar pelo território. "Traduzi para os chefes", disse depois George Bent, "e Nuvem Vermelha respondeu que se os brancos fossem embora de seu território e não fizessem estradas, tudo estava bem. Faca Embotada disse o mesmo, pelos cheyennes. Então, ambos os chefes disseram ao oficial que levasse a caravana para oeste daquele lugar, depois tomasse a direção norte e, quando houvesse passado das montanhas Big Horn, estaria fora de seu território". Sawyers protestou de novo. Seguir tal caminho iria levá-lo muito para fora de seu objetivo, disse que queria ir para o norte, ao longo do vale do Rio Powder, para chegar a um forte que o general Connor estava construindo ali.

Essa foi a primeira notícia que Nuvem Vermelha e Faca Embotada tiveram do general Connor e sua invasão. Mostraram surpresa e raiva pelo fato dos soldados ousarem construir um forte no coração de seus campos de caça. Vendo que os chefes estavam ficando mais hostis, Sawyers ofereceu depressa um carroção de bens - farinha, açúcar, café e fumo. Nuvem Vermelha sugeriu que pólvora, balas e cápsulas de percussão fossem acrescentadas a lista, mas o capitão Williford objetou fortemente; na verdade, o oficial era contra dar qualquer coisa aos índios.

Finalmente, os chefes concordaram em aceitar um carroção cheio de farinha, açúcar, café e fumo em troca da permissão do comboio passar pelo Rio Powder. "O oficial me disse", revelou depois George Bent, "para manter os índios longe do comboio, que ele iria descarregar os bens no chão.

Isso foi ao meio-dia. Depois dele chegar ao rio e estacionar seu comboio ali, outro grupo de sioux chegou da aldeia. O carroção cheio de mercadorias já havia sido dividido entre o primeiro grupo de índios, de modo que esses recém-chegados exigiram mais coisas e, quando o oficial recusou, começaram a disparar contra o curral".



16. Dez Ursos dos comanches. Fotografado por Alexander Gardner em Washington, D.C., em 1872. Cortesia do Instituto Smithsonian.

**Dez Ursos dos comanches. fotografado por Alexander Gardner em Washington D.C., em 1872. Cortesia do Instituto Smithsonian.**



9. Nariz Romano, dos cheyennes do sul. Fotografado ou copiado por A. Zeno Shindler, em Washington D.C., 1868. Cortesia do Instituto Smithsonian.

**Nariz Romano, dos cheyennes do sul. Fotografado ou copiado por A. Zeno Shindler, em Washington D. C., 1868. Cortesia do Instituto Smithsonian.**

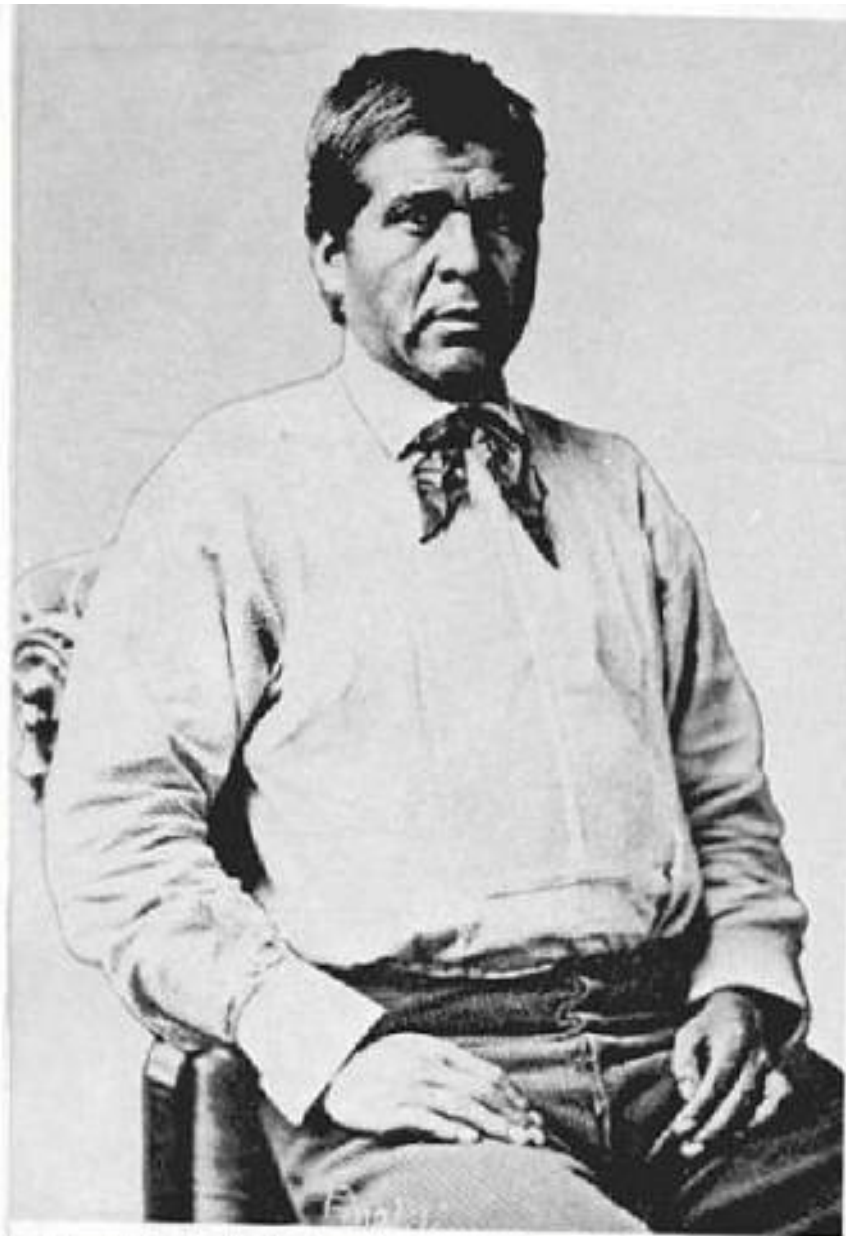


10. Ely Parker, ou Donehogawa, chefe seneca, secretário militar de U. S. Grant e Comissário de Assuntos Índios. Fotografado por volta de 1867. Cortesia do Instituto Smithsonian.

**Ely Parker, ou Donehogawa, chefe seneca, secretário militar de U. S. Grant e Comissário de Assuntos Índios. Fotografado por volta de 1867. Cortesia do Instituto Smithsonian.**







12. Eskiminzin, chefe principal dos apaches aravaipa. Fotografado provavelmente por Charles M. Bell, em Washington D.C., 1876. Cortesia do Instituto Smithsonian.

**Eskiminzin, chefe principal dos apaches aravaipa. Fotografado provavelmente por Charles M. Bell, em Washington D. C., 1876. Cortesia do Instituto Smithsonian.**



3. Satanta ou Urso Branco. De uma foto que William S. Soule tirou por volta de 1870. Cortesia do Instituto Smithsonian.



**Satanta ou Urso Branco. De uma foto que William S. Soule tirou por volta de 1870. Cortesia do Instituto Smithsonian.**

14. Lobo Solitário ou Guipago. Foto de William S. Soule, tirada entre 1867 e 1874. Cortesia do Instituto Smithsonian.



**Lobo Solitário ou Guipago. Foto de William S. Soule, tirada entre 1867 e 1874. Cortesia do Instituto Smithsonian.**



15. Pássaro Saltador, chefe dos kiowas. Foto de William S. Soule, tirada em Fort Dodge, Kansas, em 1868. Cortesia do Instituto Smithsonian.

**Pássaro Saltador, chefe dos kiowas. Foto de William S. soule, tirada em Forte Dodge, Kansas, em 1868. Cortesia do Instituto Smithsonian.**

Esse segundo bando de sioux fustigou Sawyers e Williford durante vários dias, mas Nuvem Vermelha e Faca Embotada não tomaram parte nisso. Foram vale acima, ver se era verdade a notícia de que os soldados estavam construindo um forte no Powder. Enquanto isso, o Chefe Estrelado Connor começara a construção de uma estacada a cerca de 100 km ao sul do riacho Crazy Woman, no Rio Powder, e, em honra própria, chamou-o Fort Connor. Com a coluna de Connor estava uma companhia de batedores pawnees sob o comando do capitão Frank North. Os pawnees eram velhos inimigos tribais dos sioux, cheyennes e arapahos; haviam sido mobilizados para a campanha com o soldo de homens da cavalaria regular. Enquanto os soldados cortavam troncos para a Estacada de Connor, os pawnees patrulhavam a área em busca de seus inimigos. Em 16 de agosto, avistaram um pequeno grupo de cheyennes vindos do sul. Com eles estava a mãe de Charlie Bent,

Mulher Amarela.

Ela estava cavalgando com quatro homens, um pouco adiante do grupo maior; quando viu pela primeira vez os pawnees numa colina baixa, pensou que fossem cheyennes ou sioux. Os pawnees fizeram sinais com os cobertores, dizendo que eram amigos, e os cheyennes dirigiram-se a eles, não desconfiando do perigo. Quando os cheyennes chegaram perto da colina, os pawnees de repente os atacaram. E assim Mulher Amarela, que deixara William Bent por que ele era um membro da raça branca, morreu nas mãos de um mercenário da sua própria raça. Nesse dia, seu filho Charlie estava a apenas alguns quilômetros a leste, com os guerreiros de Faca Embotada, voltando do cerco do comboio de Sawyers.

A 22 de agosto, o general Connor decidiu que a estacada do Powder estava suficientemente forte para ser mantida por uma companhia de cavalaria. Deixando ali a maioria das suas provisões, começou - com o resto de sua coluna - uma marcha forçada para o vale do Rio Tongue, em busca de qualquer concentração grande de tendas índias que seus batedores pudessem descobrir. Se tivesse ido para o norte, ao longo do Powder, teria achado milhares de índios ansiosos por um combate - os guerreiros de Nuvem Vermelha e Faca Embotada, que estavam procurando os soldados de Connor.

Cerca de uma semana depois da coluna de Connor deixar o Powder, um guerreiro cheyenne chamado Cavalo Pequeno estava viajando pela mesma região com sua mulher e seu filho pequeno. A mulher de Cavalo Pequeno era arapaho e estavam indo fazer uma visita de verão aos seus parentes no acampamento arapaho, de Urso Preto no Rio Tongue. Certo dia, quando estavam a caminho, soltou-se um fardo do cavalo da mulher.

Quando ela desmontou para amarrá-lo, olhou para trás por acaso, para um monte. Uma fileira de homens montados estava vindo pela trilha ao longe, atrás deles. "Olhe lá para cima", disse a Cavalo Pequeno. "São soldados", gritou Cavalo Pequeno. "Corra.."

Assim que chegaram a próxima montanha, fora da vista dos soldados, saíram da trilha. Cavalo Pequeno desatrelou a esteira em que estava viajando seu filho, pôs o filho na garupa e cavalgaram depressa - através da região para o acampamento de Urso Preto. Chegaram galopando, perturbando a tranquila aldeia de 250 tendas colocadas num planalto escarpado acima do rio. Os arapahos estavam ricos de cavalos nesse ano; 3 mil estavam reunidos ao longo da corrente.

Nenhum dos arapahos acreditou que soldados poderiam estar a centenas de quilômetros e, quando a mulher de Cavalo Pequeno tentou fazer o pregoeiro avisar o povo, ele disse: "Corvo Pequeno errou; só viu alguns índios vindo pela trilha, nada além disso". Certos de que os cavaleiros que viram eram soldados, Cavalo Pequeno e sua mulher correram para encontrar seus parentes. Seu irmão, Pantera, estava descansando na frente da sua tenda e eles lhe disseram que os soldados estavam chegando que ele deveria fugir logo. "Arrume o que você quiser carregar", disse Cavalo Pequeno.

"Devemos partir a noite".

Pantera riu do seu cunhado cheyenne. "Vocês estão sempre ficando com medo e se

enganando com as coisas", disse. "Vocês só viram alguns búfalos".

"Muito bem", respondeu Cavalinho Pequeno, "não precisa ir se não quiser, mas nós vamos hoje a noite". Sua mulher conseguiu convencer alguns dos outros parentes a arrumar suas coisas e, antes da noite cair, deixaram a aldeia e percorreram vários quilômetros Tongue abaixo.

No começo da manhã seguinte, os soldados do Chefe Estrelado Connor atacaram o acampamento arapaho. Por sorte, um guerreiro que fora pegar um dos seus cavalos de raça para uma cavalgada, viu os soldados se reunindo atrás de um monte.

Galopou de volta ao acampamento, tão depressa quanto pôde, dando a alguns dos arapahos uma oportunidade de fugir rio abaixo.

Poucos momentos depois, ao som do clarim e ao detonar de um canhão, oitenta batedores pawnees e 250 cavaleiros de Connor atacaram a aldeia por dois lados.

Os pawnees se desviaram rumo aos 3 mil cavalos que os tratadores arapahos estavam tentando desesperadamente dispersar ao longo do vale do rio. A aldeia, que estivera pacífica e tranquila, poucos minutos antes, de repente se tornou cenário de tumulto terrível - cavalos empinando e relinchando, cachorros latindo, mulheres gritando, crianças chorando, guerreiros e soldados berrando e xingando. Os arapahos tentaram formar uma linha de defesa para encobrir a fuga dos não-combatentes, mas na primeira rajada de fogo dos rifles algumas mulheres e crianças foram atingidas, entre os guerreiros e os soldados. "Os soldados", disse um dos oficiais de Connor, "mataram um guerreiro que, caindo do seu cavalo, arrastou duas crianças índias que carregava. Ao se retirarem, os índios deixaram as crianças mais ou menos na metade do caminho entre as duas linhas, onde não podiam ser alcançadas por nenhum dos lados." As crianças foram mortas".

"Eu estava na aldeia, no meio de uma luta corpo a corpo, com guerreiros e suas squaws", disse outro oficial, "pois boa parte do lado feminino dessa tribo lutou tão bravamente quanto seus senhores selvagens.

Infelizmente, para as mulheres e crianças, nossos homens não tinham tempo para verificar sua pontaria... squaws e crianças, bem como guerreiros, caíram mortos e feridos".

Tão depressa quanto podiam pegar os cavalos, os arapahos montavam e se retiravam para Wolf Creek, com os soldados em sua perseguição. Com os soldados estava um batedor de calças de couro e alguns dos arapahos mais velhos reconheceram-no como um antigo conhecido que montara armadilhas no Tongue e no Powder, anos antes; casara-se com uma das suas mulheres. Consideravam-no um amigo.

Cobertor, eles o chamavam. Cobertor Jim Bridger. Agora, era um mercenário como os pawnees.

Os arapahos retiraram-se uns 16 km nesse dia e, quando os cavalos dos soldados começaram a cansar, os guerreiros voltaram-se contra os Casacos Azuis, usando seus velhos rifles e fustigando-os com as flechas.

No começo da tarde, Urso Preto e seus guerreiros rechaçaram os cavaleiros de Connor de volta para a aldeia, mas os artilheiros haviam montado dois morteiros ali e as armas de fogo encheram o ar com estilhaços sibilantes de metal. Os

arapahos não podiam ir adiante.

Enquanto os arapahos observavam das montanhas, os soldados derrubaram todas as tendas da aldeia, amontoaram estacas, coberturas de tendas, peles de búfalo, cobertores, peles e 30 toneladas de *pemmican* [2] em grandes pilhas, que incendiaram. Tudo que os arapahos possuíam - casas, roupas e sua reserva de comida para o inverno - virou fumaça. E então os soldados e os pawnees montaram e foram embora, com os cavalos que haviam capturado, mil animais, um terço da manada de cavalos da tribo.

Durante a tarde, Cavalo Pequeno, o cheyenne que tentara avisar os arapahos de que os soldados estavam chegando, ouviu o barulho dos canhões. Assim que os soldados partiram, ele, sua mulher e os parentes que haviam ouvido seu alerta, voltaram a aldeia queimada. Acharam mais de 50 índios mortos.

Pantera, o cunhado de Cavalo Pequeno, jazia ao lado de um círculo de grama amarelada, onde ficava sua tenda, nessa manhã. Muitos outros, inclusive o filho de Urso Preto, estavam feridos gravemente e logo morreriam. Os arapahos não tinham nada mais, além dos cavalos que salvaram da captura, poucas armas velhas, arcos e flechas, e a roupa que estavam usando quando os soldados atacaram a aldeia. Essa foi a batalha do Rio Tongue, que aconteceu na lua em que os Gansos Perdem suas Penas.

Na manhã seguinte, alguns dos guerreiros partiram atrás dos cavalarianos de Connor, que estavam indo para o norte, rumo a Rosebud. No mesmo dia, o comboio de carroções de Sawyers, que os sioux e cheyennes haviam cercado duas semanas antes, passou pelo território arapaho.

Furiosos com a presença de tantos invasores, os índios emboscaram os soldados que patrulhavam a frente do comboio, fizeram o gado estourar na retaguarda e até abateram um condutor de carroção. Como haviam gasto a maioria da sua munição na luta com os cavalarianos de Connor, os arapahos não eram suficientemente fortes para cercar e atacar os carroções de Sawyers. Fustigaram constantemente os mineiros até que eles saíram do território das Big Horn para Montana.

O Chefe Estrelado Connor, enquanto isso, marchava para Rosebud, buscando ansiosamente outras aldeias índias para destruir à medida que se aproximava do ponto de encontro no Rosebud, enviou batedores em todas as direções para achar as outras duas colunas da sua expedição, as dirigidas pelos Chefes águias, Cole e Walker. Não foi possível encontrar qualquer pista das colunas, que estavam uma semana atrasadas.

A 9 de setembro, Connor ordenou que o capitão North levasse seus mercenários pawnees numa marcha forçada ao Rio Powder, esperando interceptar as colunas. No segundo dia, os mercenários pawnees foram atingidos por uma terrível tempestade de granizo e, dois dias depois, encontraram o lugar onde Cole e Walker haviam acampado pouco antes. O chão estava cheio de cavalos mortos, 900 deles. Os pawnees "ficaram espantados e hesitantes ante isso, pois não sabiam como os cavalos haviam morrido. Muitos dos cavalos haviam sido mortos a tiros na cabeça". Perto dali, havia destroços carbonizados, em que acharam pedaços de metal, clarins, estribos e anéis - restos de selas e rédeas queimadas. O capitão North não

tinha certeza do que fazer com estes sinais de desastre; voltou imediatamente rumo ao Rosebud, para fazer seu relato ao general Connor.

Em 18 de agosto, as duas colunas sob o comando de Cole e Walker se reuniram no Rio Belle Fourche, nas Black Hills. O moral dos dois mil soldados era baixo; eram voluntários da Guerra Civil que achavam que deveriam ter sido desmobilizados quando a guerra acabara, em abril. Antes de deixar Fort Laramie, soldados de um dos regimentos de Walker no Kansas, fizeram motim e não marcharam até serem reforçados de artilharia.

No fim de agosto, as rações para as colunas combinadas eram tão pequenas que começaram a matar mulas para comer. O escorbuto começou a grassar entre os homens. Devido a uma escassez de grama e água, suas montarias ficaram cada vez mais fracas. Com homens e cavalos em tais condições, nem Cole nem Walker tinham qualquer desejo de travar luta com índios. Seu único objetivo era chegar ao Rosebud, para o encontro com o general Connor.

No que diz respeito aos índios, havia milhares deles nos lugares sagrados de Paha-Sapa, as Black Hills. Era verão, tempo de comunhão com o Grande Espírito, para implorar sua mercê e buscar visões. Membros de todas as tribos estavam ali no centro do mundo, individualmente ou em pequenos grupos, empenhados nessas cerimônias religiosas. Viram as esteiras de poeira de dois mil soldados e seus cavalos e carroções. Odiaram-nos pelo sacrilégio em Paha-Sapa. Mas nenhum grupo de guerra foi formado e os índios ficaram longe da barulhenta e poeirenta coluna.

A 28 de agosto, quando Cole e Walker chegaram ao Powder, enviaram batedores ao Tongue e Rosebud, para descobrir o general Connor, mas ele ainda estava longe, ao sul, preparando-se para destruir a aldeia arapaho de Urso Preto. Depois que seus batedores voltaram ao acampamento, sem achar qualquer indício de Connor, os dois comandantes colocaram seus homens a meias rações e decidiram começar a marchar rumo ao sul, antes que a fome trouxesse a catástrofe.

Durante os poucos dias em que os soldados acamparam no Powder, onde o rio faz uma curva ao norte, rumo ao Yellowstone, grupos de sioux minneconjou a hunkpapa estavam seguindo seu rastro desde as Black Hills.

A 1º de setembro, os seguidores eram quase 400 guerreiros. Com eles, estava o líder hunkpapa, Touro Sentado, que, dois anos antes, no acampamento do riacho Crow, dos exilados santees do Minnesota, jurara que lutaria, se necessário, para poupar o território dos búfalos da fome de terra dos brancos.

Quando o grupo guerreiro sioux descobriu os soldados acampados numa mata perto do Powder, vários dos jovens quiseram ir sob uma bandeira de trégua, ver se poderiam convencer os Casacos Azuis a dar fumo e açúcar como oferendas de paz. Touro Sentado não confiava nos brancos e foi contra tal pedido, mas se afastou e deixou os outros mandar um grupo de trégua rumo ao acampamento.

Os soldados esperaram até o grupo de paz dos sioux chegar ao alcance dos rifles e dispararam contra ele, matando e ferindo vários índios, antes que pudessem fugir. No caminho de volta ao grupo principal de guerreiros, os sobreviventes da comissão de trégua escaparam com vários cavalos da manada dos soldados.

Touro Sentado não se surpreendeu com a maneira que os soldados haviam tratado



seus pacíficos visitantes índios. Depois de olhar para os cavalos magros tomados dos soldados, decidiu que 400 sioux, com rápidos mustangs, poderiam enfrentar dois mil soldados com cavalos do Exército, assim meio mortos de fome. Lua Preta, Urso Veloz, Folha Vermelha, Olha- Para-Trás; e a maioria dos outros guerreiros concordaram com ele. Olha- Para-Trás tinha um sabre que tomara de um dos homens do general Sully em Dakota e queria experimentá-lo contra os soldados. Em pictogramas que Touro Sentado fez depois, para sua autobiografia, retratou-se nesse dia com perneiras de contas e um gorro de pele com protetores de orelha. Estava armado com uma arma de um tiro, que carregava pela boca, um arco e aljava, além de carregar seu escudo com a águia mágica.

Cavalgando para o acampamento em coluna por um, os sioux cercaram os soldados que guardavam a manada de cavalos e começaram a disparar contra eles, matando-os um a um, até que uma companhia de cavalaria atacou da margem do Powder. Os sioux retiraram-se rapidamente em seus cavalos velozes, ficando fora de alcance até que as magras montarias dos Casacos Azuis começaram a fraquejar. Então, voltaram-se contra seus perseguidores, Olha-Para-Trás a frente, brandindo seu sabre e avançando até lançar um soldado fora do cavalo. Olha-Para-trás então rodopiou com seu cavalo e voltou, ileso, gritando de alegria com sua façanha. Depois de alguns minutos, os soldados se dispuseram em linha novamente e, ao som do clarim, voltaram a perseguir os sioux. Mais uma vez os velozes mustangs dos sioux colocaram-nos fora de alcance; os índios espalharam-se até que os frustrados soldados pararam. Desta vez, os sioux atacaram de todos os lados, correndo entre os soldados e jogando-os para fora dos cavalos. Touro Sentado capturou um garanhão preto, tendo feito depois um pictograma desse fato para sua autobiografia.

Alarmados pelo ataque índio, os Chefes águias, Cole e Walker formaram suas colunas para uma marcha forçada no rumo sul, ao longo do Powder. Por alguns dias, os sioux seguiram os soldados, amedrontando-os com aparições súbitas nos cimos de morros ou fazendo pequenas incursões contra a retaguarda. Touro Sentado e os outros líderes riam ao ver como os Casacos Azuis ficaram com medo, amontoados o tempo todo e olhando por cima dos ombros, sempre correndo, correndo, tentando escapar deles.

Quando chegou a grande tempestade de granizo, os índios abrigaram-se durante dois dias e, certa manhã, ouviram disparos intermitentes da direção tomada pelos soldados. No dia seguinte, acharam o acampamento abandonado com cavalos mortos por toda parte. Podiam ver que os cavalos estavam cobertos de montes de chuva congelada e os soldados haviam-nos matado pois não os podiam fazer ir além.

Como muitos dos amedrontados Casacos Azuis agora estavam a pé, os sioux decidiram continuar a segui-los e deixá-los tão loucos de medo que nunca voltariam as Black Hills. Pelo caminho, esses hunkpapas e minneconjous começaram a encontrar pequenos grupos de patrulha dos sioux oglalas e cheyennes que ainda estavam procurando a coluna do Chefe Estrelado Connor. Havia grande excitação nesses encontros. A alguns poucos quilômetros ao sul havia uma grande aldeia



cheyenne e, quando mensageiros reuniram os líderes dos grupos, eles começaram a planejar uma grande emboscada para os soldados.

Durante esse verão, Nariz Romano fizera muitos jejuns mágicos para conseguir proteção especial contra os inimigos. Como Nuvem Vermelha e Touro Sentado, estava determinado a lutar por seu território, e determinado a vencer. Touro Branco, um velho feiticeiro cheyenne, aconselhou-o a ir sozinho até um lago mágico próximo e viver com os espíritos da água. Por quatro dias, Nariz Romano ficou numa jangada, no lago, sem comida nem água, aguentando o sol quente de dia e tempestades a noite. Rezou ao Grande Feiticeiro e aos espíritos da água. Depois que Nariz Romano voltou ao acampamento, Touro Branco fez-lhe um cocar de guerra protetor, com tantas penas de águia que, quando ele montava, o cocar ia quase até o chão. Em setembro, quando o acampamento cheyenne soube em primeiro lugar dos soldados que fugiam ao sul, Powder acima, Nariz Romano pediu o privilégio de liderar um ataque contra os Casacos Azuis. Um ou dois dias depois, os soldados acamparam numa margem do rio, com barrancos altos e mato cerrado de ambos os lados. Decidindo que era um lugar excelente para um ataque, os chefes colocaram várias centenas de guerreiros em posição, em toda a volta do acampamento e começaram a luta, mandando pequenos grupos de engodo, para tirar os soldados de seu curral de carroções. Mas os soldados não saíram.

Então, Nariz Romano desfilou em seu cavalo branco, o cocar de guerra atrás dele, o rosto pintado para guerra. Ordenou que os guerreiros não lutassem sozinhos, como sempre, mas juntos como os soldados. Disse-lhes para formar uma linha em campo aberto, entre o rio e os barrancos. Os guerreiros dispuseram seus cavalos numa linha que defrontava os soldados; estes estavam formados a pé, diante dos carroções. Nariz Romano passava com seu cavalo branco a frente dos guerreiros, dizendo-lhes para esperar até ele ter esvaziado as armas dos soldados. Então, fustigou seu cavalo para uma corrida e avançou, direto com uma flecha, para uma das extremidades da linha dos soldados. Quando estava perto bastante para ver seus rostos claramente, voltou-se e galopou ao longo da extensão da linha dos soldados. Estes esvaziaram suas armas contra ele em todo o percurso.

No fim da linha, fez o cavalo rodopiar e voltou pela frente dos soldados.

"Deu três ou talvez quatro galopes de uma ponta da linha até a outra", disse George Bent. "E então seu cavalo foi ferido e caiu sob ele. Ao verem isso, os guerreiros deram um grito e atacaram. Atacaram os soldados ao longo da linha toda, mas não a puderam romper em parte alguma".

Nariz Romano perdera seu cavalo, mas sua mágica protetora salvou-lhe a vida. Também aprendeu algumas coisas nesse dia sobre lutar com os Casacos Azuis - da mesma forma que Nuvem vermelha, Touro Sentado, Faca Embotada e os outros líderes. Bravura, número, cargas maciças - não significavam nada se os guerreiros só estivessem armados com arcos, lanças, clavas e velhas armas dos dias de caçadas de peles.

("Estávamos sendo atacados, então, por todos os lados, frente, retaguarda e flancos", relatou o coronel Walker, "mas os índios pareciam ter poucas armas de fogo".) Os soldados estavam armados com modernos rifles da Guerra Civil e tinham